



REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

O 1º VOLUME DA "REVISTA MODERNA"

Com este nosso numero finda o primeiro semestre de existencia da *Revista Moderna* e completa-se o seu primeiro volume. Permitta-se pois que, n'este momento, rememorando esse curto mas difficil periodo d'inicio, examinemos se o programma traçado foi seguido e se as promessas feitas aos nossos leitores foram cumpridas, apesar dos innumerados obstaculos e sacrificios inherentes a uma empreza d'esta ordem.

A collaboração litteraria e artistica, que é decerto a mais importante da nossa revista, tem sido — atravez este 12 numeros — das mais valiosas e completas.

O grande nome de **EÇA DE QUEIROZ** não deixou ainda de figurar n'um unico numero da *Revista Moderna*, ora firmando chronicas que são modelos do genero, ora contos que constituem verdadeiras obras primas. Recentemente, o grande escriptor começou a publicar, na nossa revista, esse grande romance inedito a **ILLUSTRE CAZA DE RAMIRES** que tanto interessa e deleita os nossos leitores. Ao lado d'este nome illustre a *Revista Moderna* teve a felicidade, de gruppar uma numerosa e brilhante pleiade de artistas, e já publicou originaes, de: Eduardo Prado — Trindade Coelho — Conde de Ficalho — Magalhães de Azeredo — Conde d'Arnos — Batalha Reis — João da Camara — Domicio da Gama — Jayme de Séguier — Maria Amalia Vaz de Carvalho — Christovam Ayres — Conde de Abugosa — Oliveira Lima — Henrique Lopes de Mendonça — Xavier de Carvalho — Fontoura Xavier — Mariano Pina — José Pessanha — Arnaldo Fonseca — Domingos Guimarães — Pereira de Sampaio — Luiz de Magalhães — Alfredo da Cunha — Abel Botelho — José Sarmiento — Henrique de Vasconcellos — Anthero

de Figueiredo — Coelho de Carvalho — Camara Lima — Raymundo Corrêa — A da Cunha, etc.

A illustração teve, n'estes 12 numeros, uma larga parte, a mais completa, podemos affirmar, que até hoje se tem feito em publicações portuguezas ou brazileiras. Este primeiro volume contem mais de **450 illustrações** muitas das quaes em grande formato, todas de impecavel execução e algumas de brilhante colloidado.

No meio d'essas gravuras figuram muitas reproducções de desenhos feitos especialmente para a nossa publicação por artistas de nome e de photographias especiaes, entre as quaes é justo notar os esplendidos instantaneos que o nosso collaborador Arnaldo Fonseca nos envion de Portugal.

A *Revista Moderna*, distribuiu ainda, n'este primeiros 12 numeros, **6 hors-textes** em gravura, **2 supplementos musicaes** e **2 supplementos de modas**.

Não se poupáram, pois, nem esforços nem despesas para levar por deante uma obra que nós julgamos util e que, como tal, proseguiremos ajudados pelas sympathias cada vez mais lisonjeiras e numerosas do publico que nos lê. De futuro faremos mais e melhor se possivel fôr, e a todos, aos leitores e aos collegas da imprensa, que nos têm animado e ajudado nos nossos primeiros passos aqui affirmamos, que outro desejo não temos senão o de bem servir a arte e as letras de Brazil e Portugal.

O NOSSO NUMERO

O nº 12, que hoje offerecemos á leitura, é especialmente consagrado ás festas do Natal e do Anno Bom. Encerra contos ou artigos allusivos ao Natal, assignados por E. Prado, Magalhães de Azeredo, Maria Amalia, Xaxier de Carvalho, etc., além de versos de

Fontoura Xavier e Magalhães de Azeredo; a Legião Portugueza, por Christovam Ayres, reconhecida auctoridade no assumpto, e a continuação do soberbo romance de Eça de Queiroz, que tanto successo tem tido: *A Illustre Casa de Ramires*.

Este numero que contem mais de 50 gravuras dá como *hors-texte* uma magnifica photographia artistica de Arnaldo Fonseca.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O numero de 15 de Janeiro da **REVISTA MODERNA** será honrado por um bello retrato inedito de **S. M. A RAINHA D. AMELIA DE PORTUGAL**, acompanhado de muitas photographias artisticas, representando os Paços de Lisboa, de Cintra, de Villa Viçosa e seus jardins, os aposentos de Sua Magestade, as suas galerias, bibliothecas, etc., etc.

Esta publicação, para a qual a **REVISTA MODERNA** teve a fortuna de obter a graciosa permissão da Augusta Soberana, será precedida de um artigo de **EÇA DE QUEIROZ** consagrado a Sua Magestade e de uma minuciosa explicação das interessantes gravuras que publicaremos.

No proximo numero offerecemos tambem aos nossos leitores poesias e contos ineditos de novos collaboradores.

A NOSSA COLLABORAÇÃO

Do Sr. EDUARDO BRAGA, habilissimo pintor aquarellista brazileiro, recebemos o prazer de uma visita. No proximo numero teremos a satisfação de

apresentar alguns trabalhos d'esse illustre artista, cujo brilhante talento já se tem revelado em apreciadas produções.

No proximo numero começará a apparecer o supplemento illustrado da *Revista Moderna*, desenhado pelo distincto artista VILLENEUVE, especialista no desenho de modas. O Sr. Villeneuve, que é de nacionalidade ingleza, é conhecido pelas suas nitidas composições, em Londres e em Pariz.

Publicaremos tambem de ora ávante poesias do conhecida poeta :

FILINTO DE ALMEIDA

auctor da *Lyrical*, e de varias comedias que os theatros do Brazil têm representado com successo.

BRAZILEIROS E PORTUGUEZES EM PARIZ

Honrou-nos com a sua visita o Sr. Dr. Alvaro de Carvalho, distincto brasileiro

que occupou, no Estado de S. Paulo, o cargo do secretario das obras publicas, depois de se ter salientado como representante d'aquelle Estado no congresso. Desejamos ao nosso talentoso amigo amena temporada em Pariz.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

— *A Revista marítima brasileira*. — Dois fasciculos. Esta utilissima publicação é dirigida pelo vice-almirante reformado Arthur de Javeguay, e d'ella são redactores os srs. capitão-tenente Affonso Henrique Noira e 1º tenente reformado Leão Amzalak. Um dos fasciculos encerra a descripção, habilmente feita pelo sr. capitão de fragata B. Franco, da batalha de Yalú, travada entre as esquadras japoneza e chinesa.

— A necrologia do almirante Marquez de Pamandaré. É um supplemento à *Revista Marítima Brasileira*, que presta assim homenagem a um dos mais

gloriosos vultos da marinha brasileira.

— *A moda elegante*. — Os nos 3 e 4 confirmam as promessas dos dois primeiros exemplares. Nossas leitoras encontrarão na leitura d'*A moda elegante* vastos recursos para a sua toilette.

— *Revue des Revues*. — O nº 24, de 15 de Dezembro vem, como habitualmente, muito variado; nas ultimas paginas encontra-se uma boa rezenha das revistas estrangeiras

— *Um escandalo*. — Romance por Arthur Lobo. Edição dos srs. Laemmert et C^{ia}. Vamos lêr.

— *Revue du Brésil*. — O nº 28, datado de 25 de dezembro, vem, como de costume, noticioso e bem informado.

— *Le Brésil*. — O nº de 26 de Dezembro não é inferior aos precedentes. Offerece larga somma de informações.

— *Le Sport Universel*. — O seu nº 75, de 25 de Dezembro, traz um interessante artigo — além de outros dignos de leitura — sobre as industrias hippicas.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR : M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno. 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes 30\$000	6 mezes 24 »	6 mezes 5\$500
Numero avulso. 2\$500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C ^{ia} , <i>Rua do Ouvidor.</i>	Pelotas CARLOS PINTO E C ^{ia} .
São Paulo CASA GARRAUX, <i>Rua de 15 Novembro.</i>	Santos WEINMANN ET C ^{ia} .
Pernambuco. LAEMMERT E C ^{ia} , <i>Rua Marquez de Olinda.</i>	Campinas LIVRARIA ESCOLAR.
Pará LIVRARIA COMMERCIAL, <i>Rua João Alfredo.</i>	Ceará ALFREDO GENOUX.
	Joaquim José de OLIVEIRA.

UNICA AGENCIA EM PORTUGAL : Livraria Pereira, 50-54, Rua Augusta, Lisboa

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde et Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens

LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.
A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, Incumbe ao seu respectivo autor.

Ano II

R - M -

Nº 12

REVISTA MODERNA



UM TYPO DE FORMOSURA PORTUGUEZA

A Serva do Rei

Cum natus esset Jesus, in Bethlehem, Juda, ecce Magi ab Oriente venerunt Jerosolymam, dicentes: Ubi est qui natus est Rex Judæorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente et venimus adorare eum.

Audiens autem Herodes rex turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo.

Tunc Herodes, clam vocatis Magis, diligenter didicit ab eis tempus stellæ.

Et mittens illos in Bethlehem, dixit: Ite, et interrogate diligenter de puero; et cum inveneritis, rementiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. Qui cum audissent Regem abierunt; et ecce stella quam viderant in Oriente, antecedebat eos usque dum viens staret supra ubi erat puer.

Videntes autem stellam, gavisus sunt gaudio magno valde.

Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt; et apertis thesauris suis, obtulerunt ei myrram aurum, thus et myrrham.

Et responso accepto in somnis, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

(MATH., CAP. II, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12.)

NAQUELLE tempo, o Rei Balthazar, cujos dominios estavam encravados n'uma provincia do antigo imperio Persa, conquistado por Alexandre, vivia entregue ao governo dos seus povos, ás sciencias divinas e humanas. Era elle já bem edoso; a sua alta estatura começava a dobrar-se, e uma longa e sedosa e alvissima barba lhe descia pelo peito em floccos espessos, até a cintura. Outr'ora vira muito, e muito gozára das coisas mundanas, porque era rico e amára a riqueza, porque era poderoso e amara o poder. Filho de eleita estirpe, fôra robusto, cheio de saude e ardentes paixões; na mocidade o sangue inquieto lhe reclamára prazeres, e de prazeres se fartára elle; a nenhum dos seus sentidos negára os deleites especiaes e superfinos, que lhe permittia a sua condição de príncipe. Com espectaculos de belleza contentára os olhos; de melodias exquisitamente orchestradas saciára os ouvidos; acostumára-se a respirar uma atmosphera saturada de perfumes cariciosos, já entre as flôres dos seus custosos jardins, já entre as caçoulas cinzeladas, onde resinas escolhidissimas se queimavam; e nos seus banquetes, dezenas de escravos elegantes e pulchras escravas lhe apresentavam iguarias de preço em baixellas sem preço, e lhe vertiam vinhos das mais raras vinhas em taças lavradas do mais puro ouro. E beijára as mulheres mais formosas da sua terra, e outras muitas que de extranhas terras fizera vir.

As suas arcas regorgitavam de moedas cunhadas com a sua effigie; em torno ao seu palacio e por toda a cidade, numerosas guardas se postavam para o defender de qualquer perigo; nas suas cavallariças os ginetes mais ageis, mais briosos e perfeitos, negros, alazões, tordilhos, rosilhos, de todos os matizes e todas as raças, nitriam, espetando os orelhas e abanando as caudas, desejosos de correr á luz do sol pelas planuras; sem contar os rebanhos de camellos e as tropas de elephantés, que em cercados immensos acampavam,

Que outros bens podia ambicionar o Rei, e que temor lhe entraria no coração? Todos o respeitavam porque era justo; todos o queriam porque era bom; todos lhe obedeciam porque era forte. Bastava-lhe exprimir a meio um desejo para que logo lh'o satisfizessem. E nem dentro da propria alma contava elle um inimigo, porque, limitando-se a passar jovialmente a existencia, nunca de facto praticára o mal.

Mas eis que, como succedêra ao douto e magnifico Salomão, áquelle que Belkiss de Sabá seduzira com presentes soberanos e com a sua soberana formosura, veio tambem a aza pardacenta e soporifera do tedio pôr a sua sombra funesta sobre a frente do Rei Balthazar. Ora, como, enfasiado de tudo, elle tivesse permanecido muitos dias em cogitação profunda, imaginando se não seria possivel inventar, combinar deleites novos e superiores, annunciaram-lhe a chegada de um homem extraordinario, de um d'esses philosophos gregos, que andavam correndo o mundo para comparar os costumes e as leis das diversas gentes. O sabio atheniense chamava-se Leucippo, e á austeridade do rosto unia a modestia do traje.

Largas horas conversou com elle o Rei Balthazar; e, ao despedirem-se, lhe rogou que, como lembrança da visita, propuzesse um objecto de meditação ao monarcha que com tantas honras o recebêra. Então o philosopho, já de pé para partir, disse: É licito ao ente racional gozar dos dons da natureza, sem lhes indagar as causas e penetrar os segredos?

O Rei bondosamente sorriu, comprehendendo a lição; e, desde esse momento, renunciando ao ocio facil e á vazia dissipação, deu-se todo ao governo dos seus povos e ás sciencias divinas e humanas.

Mas as divinas sobretudo o attrahiram. Professando a avita religião de Zoroastro, quiz elle conhecer a fundo, nos seus designios e nas suas obras, os dois summos Seres, cuja rivalidade produz e resolve os conflictos do Universo: Ormuzd, principio do Bem, e Ahrimane, principio do Mal. Com equal sollicitude estudou as theorias subtis da alma e do *feruher*, a acção purificadora do fogo, e os ritos complicados da liturgia. Não sómente leu o Avesta, prodigioso livro revelado ao mundo pelo filho da venturosa Dogdo, mas tambem o Rig-Veda e o Kama-Sutra, o Pentateuco e os Prophetas, os Psalmos e os Cantares, todos os poemas e tratados das velhas theogonias.

E, iniciado nas praticas secretas, aprendeu a decifrar os enigmas do Destino — já nas entranhas dos animaes moribundos, já no vôo das aves pelo espaço intérmino, e nos harpejos do vento entre a ramagem dos sycómoros, e nas sombras que as palmeiras esguias, ao luar, projectam sobre o solo, e nas pupillas mysteriosas das mu-

lheres que acabam de ser mães, e especialmente na luz palpitante das remotas estrellas.

E por isso o povo lhe dêra o nome de Rei Mago.

* * *

Havia já muitas noites que Balthazar, da altíssima torre do seu palacio, seguia, sem dormir uma hora, o curso dos astros.

Porque uma coisa singularmente nova acontecera, que punha em agitação todos os sabios contempladores das esferas celestes. A Estrella annunciada apparecera! Apparecera a Estrella da graça e da benedição, vagamente esperada pelas gentes Orientaes. E era de certo d'essa Estrella que fallava o livro dos *Numeros*: « Nascerá uma Estrella de Jacob, e de Israel se levantará um Sceptro. »

celebrados amores, primeiro com o grande Cesar, depois com o triumviro Marco Antonio. Balthazar queria com sincera predilecção, entre todas as servas do palacio, a joven Tuni, pelo seu genio terno e docil, pelas suas maneiras cheias de captivantes blandicias, e tambem porque, melhor que ninguem, ella conhecia as artes encantadoras — habil na poesia, no canto, na eithara, em cujas cordas os seus dedos finos voavam como pequeninos passaros brancos, arrancando notas de uma doçura alada e commovente. Assim com meigas palavras, e meigos sorrisos, e musicas meigas, Tuni lhe distrahia os cansaços da velhice, e dourava, como um raio de sol matinal, a sua vida severa de sabio.

Mas o principe real, que era moço e herdára do pae o gosto das coisas bellas, fixára havia muito o pensamento em Tuni, com impulsos de concupiscencia. Scismava em



O Rei Balthazar, extatico, immovel, a via refulgir no firmamento sem nuvens, de um azul intenso e profundo. Ella refulgia entre milhares de outras estrellas, porém maior que todas, e de um esplendor muito mais limpido, muito mais branco, muito mais puro, como de diamante que ainda não se engastára em nenhuma corôa da terra.

Aos pés do Rei, sentada num tapete precioso, cuja trama multicolor desenhava signaes kabalisticos, Tuni, a formosa escrava egypcia, em silencio, com as mãos cruzadas nos joelhos, erguia tambem os olhos tenebrosamente negros para a Estrella da graça e da benedição.

Tuni, nascida e criada na ardente Alexandria, era filha de outra escrava, que a bella rainha Cleopatra prezava particularmente, e que fôra confidente dos seus

Tuni todo o dia, toda a noite com Tuni senhava; e não teve repouso enquanto não poudo, furtivamente, n'um encontro casual, confessar-lhe a paixão que em seu sangue chammejava.

Ella sentia-se lisonjeada e orgulhosa, ao pensar que um moço de presença tão nobre e de tão alta origem, um moço em cuja frente já vislumbrava a aurora da soberania futura, detivera na sua belleza a atenção e o desejo. Tão cálidos tinham sido os juramentos de Aphrasiab! tão prêsso o vira, e submisso, fallando de adoração e de fidelidades eternas! Tomada assim de surpresa, n'essa primeira chimera da puberdade, estivera a ponto de esquecer-se; e acaso se esqueceria, se as circunstancias a não houvessem protegido.

Mas, interrogando-se longamente na solidão da sua alma, ella entrava em grande angustia e desalento amargo. E dizia, e repetia, na solidão da sua alma : « O principe Aphrasiab nunca dará o titulo de esposa á escrava Tuní! A flôr dos hortos sagrados é tratada carinhosamente pelo jardineiro, que a resguarda e a rega, para que ella ostente as suas côres frescas e espalhe o seu perfume suave; mas a flôr que nasce n'um espinheiro, á beira da estrada, o viajante a colhe distrahidamente, e, murcha, a amarrota nas mãos, e a calca aos pés — e vae seu caminho! »

Em taes idéas desconsoladas estava Tuní absorta; era por isso que, olvidando a poesia, o canto, a cithara, alli ficára aos pés do Rei Balthazar, sentada num tapete precioso, cuja trama multicôr desenhava signaes kabalisticos; e em silencio, com as mãos cruzadas nos joelhos, erguia os olhos tenebrosamente negros para a Estrella da graça e da bemdição.

E em verdade, contemplando-a, levantando com os olhos humidos o coração enfermo até a clara e immaculada Estrella, Tuní sentia um allivio extranho, um conforto mysterioso, mesclado a pensamentos novos, que ella propria não discernia bem: era uma aspiração de pureza e de liberdade, um desprendimento das coisas transitorias e mentidas, um desejo de gozos desconhecidos e duradouros, e ao mesmo tempo uma duvida irreverente que lhe doia e quasi a revoltava: Não sabes tu de ninguem mais magnifico e mais digno de amor que o teu principe Aphrasiab?

Balthazar, entretanto, no terraço da altissima torre, ia rememorando as tradições da sua terra. Vestido de uma ampla tunica de damasco verde com bordaduras de oura e pedrarias, coberta a cabeça por um largo barrete quadrado de pelles com cocares de plumas aljofaradas, á maneira persa, tinha elle, erecto na mudez do espaço, toda a magestade de um vidente e de um pastor de povos; a longa e sedosa e alvissima barba lhe descia em floccos espessos a cintura, enredando-se pelos braços cruzados ao peito; e a sua frente se inclinava, e se lhe cerravam as palpebras em attitude de reflexão profunda.

E elle dizia comsigo: « Nos livros dos Magos está escripto que a Estrella annunciada surgirá no horizonte,

logo que nascesse de uma Virgem o Rei dos Judeus, a quem foi promettido o imperio do mundo. »

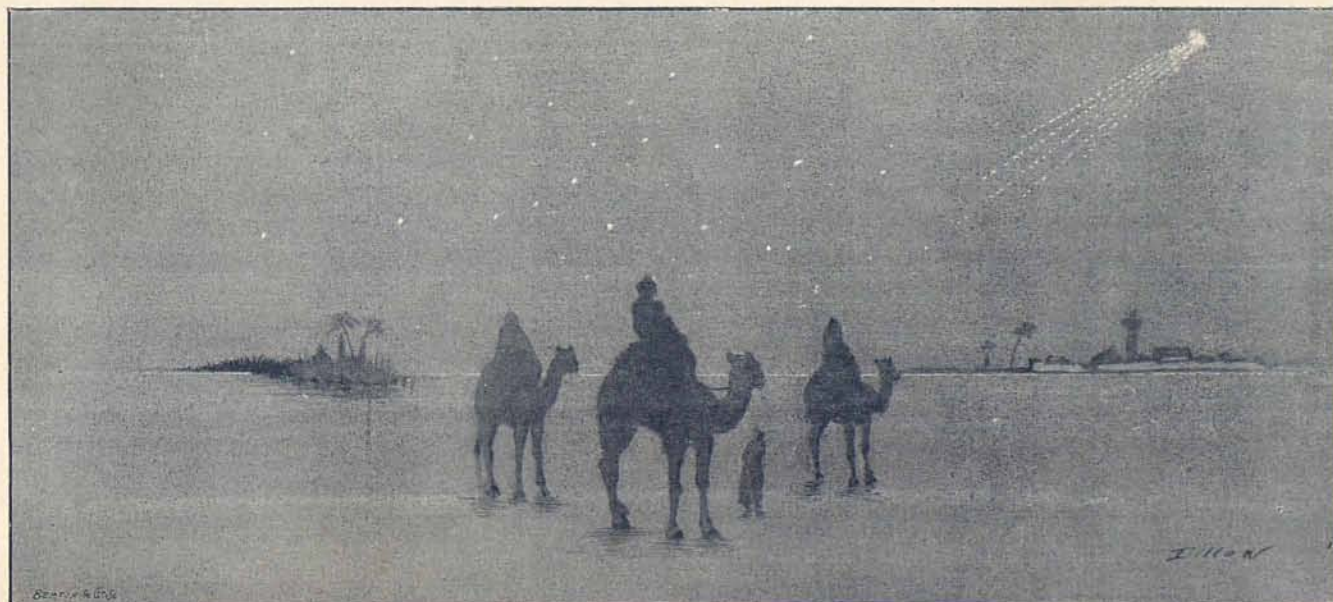
— E está escripto tambem: « Quando fôrdes tres a jornadaear caminho do novo Berço, a Estrella annunciada vos guiará passo a passo. »

* * *

Apenas despontou a madrugada, apagando-se os astros longinuos, empallidecendo, desmaiando, extinguindo-se com elles a sublime Estrella, o Rei Balthazar reuniu a gente da sua côrte, e declarou que resolvêra partir na noite seguinte. Sem demora começaram, em açodada faina, os preparativos da viagem; nos fardos numerosos que os numerosos camellos deviam transportar, iam-se accumulando variadas e riquissimas coisas; havia tendas e pavilhões de tela impenetravel para acampar nas desertas planicies; havia coxins, alcatifas e leitos portateis, que n'um momento se armavam e desarmavam; havia ôdres cheios de vinho, saccoes enormes com mantimentos para muitos dias; havia taças e vasos de metaes preciosos, ornados de beryllos, de opalas, de esmeraldas e de crysolithos; e cofres de agatha, de onix e de porphyro, attestados de presentes incalculaveis; e uma verdadeira bibliotheca de papyrus enrolados, para distrahir os ocios do caminho, ao lento marchar dos camellos, ou á sombra discreta das tendas no arraial.

Tuní, ao saber que o velho Rei partia, á mercê da Estrella consoladora, sentiu como uma força interior e irresistivel que a impellia a partir tambem; de tal modo que ella se foi lançar aos pés de Balthazar, e com voz supplicante lhe disse: Senhor! deixae-me ir comvosco! provae-me ainda uma vez a vossa nunca desmentida bondade! Eu quero adorar o filho de David, o Rei dos Judeus, a quem foi promettido o imperio do mundo; permitti que os meus olhos se alegrem com a presença do Christo!

Mas o ancião, no seu benevolo desdem de Oriental pelas mulheres, lhe respondeu brandamente: Que sabes tu do Christo? que te importa o filho de David, o Rei dos Judeus? São conversas vagas que ouviste, e que te excitaram a phantasia. A viagem é rude e penosa; para que te has-le expôr á soalheira ardente e á friagem das



noites? Quando eu voltar, contarei tudo o que houver visto...

Rogos, instancias, lagrimas, perdeu-as Tuni baldadamente; Balthazar, por si só, estaria talvez disposto a ceder; mas o joven principe Aphrasiab, que nutria occultos projectos para quando seu pae se ausentasse, energeticamente se oppoz, demonstrando com argumentos maravilhosos o absurdo d'esse vão capricho feminino.

Em verdade, nunca a linda e doce Tuni lhe parecêra tão doce e tão linda; não se lembrava de ter jamais conhecido mulher seductora, deliciosa e appetecivel como ella. Com o véo alvo de gaze cahindo em prégas sobre os cabellos negros, com a tunica azul apertada na cintura esguia, e aberta na frente sobre as bombachas de sêda carmesim e os minusculos pantufos recamados de perolas, a escrava egypcia tinha uma elegancia dominadora e perfeita, que lhe conferia todos os direitos de rainha. Por aquelles olhos tenebrosamente negros, ainda mádidos de pranto, por aquella bocca pequena e fresca, que se abria como um rubente fructo no rosto trigueiro, o principe Aphrasiab andava louco e em febre... — Vae-te, meu pae! — dizia elle no intimo do coração — vae-te, e que a noite chegue depressa!

Mas o Rei pensava no Livro dos Magos: « Quando fôrdes tres... a Estrella annunciada vos guiará... » Não sabia ainda quaes seriam os dois companheiros que havia de escolher para a feliz peregrinação. E eis que, pelo meio dia, o chefe da guarda lhe veio annunciar que uma caravana de ricos viajantes chegára ás portas do palacio; logo depois, rodeados por sumptuoso cortejo, dois reis, de paizes remotos, subiam as escadarias monumentaes, em cujos corrimões de marmore esculpido se agrupavam mil figuras symbolicas — elephantes soberbamente ajaezados, javalis em furiosa corrida, barcos soltos no ar e tripulados por tocadores de harpa, leões fabulosos mordendo na garupa fabulosos touros e cavallos.

Gaspar se chamava um dos reis; o outro se chamava Melchior; era este um ethiope muito negro e muito robusto, tão forte nas sciencias como na guerra. Ambos pertenciam á grande seita dos Magos; e, como Balthazar, observando o curso dos astros, tinham visto a apparição da Estrella annunciada, que as lettras santas interpretavam como signal de successos prodigiosos.

Balthazar lhes era conhecido pela sua fama de sabio entre os sabios; e por isso tinham vindo aconsellar-se com elle sobre o que lhes cumpria fazer.

Não esquecestes por certo — disse-lhes o velho monarcha — o que no Livro dos Magos está escripto. Tres devem ser os peregrinos que hão-de ir adorar o Christo, filho de David. Eu pensava partir esta noite, e ainda ignorava quaes seriam os meus dois companheiros. Deus vos mandou. E assim se realizarão as Prophecias.

Logo que a Estrella assomou de novo no firmamento, puzeram-se os Reis Magos a caminho, seguidos pelos seus innumerados guardas e servidores. E de facto, a Estrella sublime, movendo-se vagarosamente na altura, os precedia e guiava.

Tuni, entretanto, penetrando n'um corredor subterraneo do palacio, cujos recessos todos lhe eram familiares, sahira tambem da cidade por uma porta escusa, em que nenhuma sentinella costumava velar. Consequira illudir a vigilancia do principe Aphrasiab, que nunca a sus-

peitára capaz de tamanha ousadia. Envolta em farto manto escuro que a cobria da cabeça aos pés, Tuni foi sósinha, acompanhando de longe a caravana. Ella ainda estava sob o dominio da mesma força interior e irresistivel, que a fizera ajoelhar-se supplicante aos pés de Balthazar; não entendia bem o que significava aquillo; mas obedecia. Era como se os raios da Estrella, descendo do céu até o seu corpo, lh'o enlaçassem todo, e o fossem puxando para avante, para avante, no rumo dos peregrinos que a sua luz conduzia.

Como podia Tuni, fraca mulher, sem um camello ou um simples jumento que a levasse, caminhar quasi tão depressa como a caravana? Como se alimentava tão bem comervas e fructos sylvestres, e não soffria da soalleira nem da friagem, e dormia em grutas abandonadas, sem medo das serpentes e dos animaes ferozes? Como se comprehendia sobretudo que ella tivesse fugido sem pezar aos affectos do principe Aphrasiab, e que d'elle não sentisse a minima saudade?

Tuni se desligára do passado, nada mais queria d'elle; e ia além, cheia de curiosidade e alegria, como quem enceta vida nova em nova terra. Muito juvenzinha — menina e moça — a tinham levado para a cõrte do Rei Balthazar; ali se formára ella nas praticas religiosas e nos preceitos austeramente férvidos de Zoroastro; e uma das suas companheiras, a maioral das escravas, judia de origem, a instruiu tambem sobre a lei de Moyés, e lhe lêra, em horas vagas, as predicções dos Prophetas hebreus.

Pouco a pouco, um thesouro de sementes mysticas se lhe foi accumulando no fundo da alma; dormentes a principio, só se manifestando por sonhos vagos ou subitos enternecimentos na oração, desabrocharam fortemente, em efflorescencia copiosa, quando a extranha apparição da Estrella fôra estimular nas gentes orientaes a esperanza messianica, zelosamente transmittida de geração em geração. Tuni seguia a Estrella, e nada mais havia para ella no mundo.

Após muitos dias e muitas noites de marcha, ora galgando montes asperrimos, ora atravessando planicies, aridas, monotonas e interminaveis, onde apenas umas figueiras bravas ou umas tamareiras resequidas se erguiam tristemente do solo, chegaram os viajantes a certa campina ainda mais esteril e melancholica — e divisaram, recortadas no horizonte, as cupulas e as torres de uma grande cidade. Um lavrador que passava, montado em magra mula, lhes disse, apontando para lá: Jerusalem. Distinguia-se bem, no alto de uma encosta, o templo magnifico de Salomão.

Entraram. Tuni ficou á porta, receiosa ainda de mostrar-se, esperando por elles. Tambem, no firmamento, a Estrella se immobilisára, como recusando a dar a sua claridade aos pateos do Pretorio e ao cimo escaldado do Golgotha.

Em Jerusalem, formigava o povo, n'uma agitação de colmeia repleta. Todos os albergues transbordavam de forasteiros, e era difficil o transito pelas estreitas ruas tortuosas e immundas. Porque ordens tinham vindo, trazidas por emissarios de Augusto Imperador, a todos os cidadãos das provincias subditas de Roma, para irem inscrever os seus nomes nas povoações de que fossem oriundas as suas familias.

Herodes, tyranno suspeito e dissoluto, governava

então a Judéa. Quando soube da chegada dos Reis Magos, sem demora os mandou procurar, e, com grandes mostras de agrado e grandes reverencias, os acolheu no seu palacio. E lhes disse affavelmente na despedida : Pois que buscaes o recém-nascido Rei dos Judeus, avisae-me quando o encontrardes, para que eu tambem o possa adorar.

Logo que a caravana sahiu de Jerusalem, a Estrella poz-se outra vez em movimento, e os foi conduzindo até um lindo sitio, todo umbroso de arvoredos e murmurante de limpidas fontes, nas vizinhanças de uma pequena cidade, chamada Bethlehem. Ahi encontraram elles em risos e festas uns pastores d'aquelles campos, que lhes deram a grande Nova : Sabei que estavamos aqui adormecidos no meio de nossos rebanhos, quando ouvimos as vozes dos anjos, que cantavam no espaço : « Nasceu Jesus! Nasceu Jesus! Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade! » E como nós, maravilhados, perguntassemos onde nascêra Jesus, nos levaram a um estabulo proximo; e lá vimos um Menino formosissimo, deitado na palha da manjadoura, acalentado por sua Mãe e pelo carpinteiro José. Um boi e um asno mansamente o aqueciam com seu bafo. E então o adorámos, porque esse é o Messias esperado.

Nesse momento, Tuni, que até ahi seguira de longe e occultamente a caravana, approximou-se do Rei seu senhor; e ao espanto que este mostrou, censurando-a pela desobediencia, a bella escrava unicamente respondeu, inclinando a cabeça com humildade : — Bem vêdes que eu vim mandada por Deus.

Mandada por Deus veio de certo, Balthazar — disse com fé ardente Melchior, o Rei negro — que sem auxilio celeste não poderia uma debil mulher acompanhar-nos a pé desde o teu paiz até Bethlehem de Judá. Gaspar nada dizia, sorrindo, deliciado com a poetica aventura; mas não era outro o seu parecer. — Vem, pois, conosco — ordenou Balthazar a Tuni — e conosco adorará o filho de David!

Precedidos pelos zagaes, chegaram n'um instante ao presepe, que ficava perto; a Estrella parou justamente

sobre elle, e alongando os seus raios até a porta entreaberta, estava como indicando a morada do promettido Messias.

Os peregrinos ajoelharam-se todos, vendo o esplendor sobrenatural que aureolava aquelle Menino formosissimo, deitado na palha da manjadoura, acalentado por sua Mãe e pelo carpinteiro José. Um boi e um asno mansamente o aqueciam com seu bafo. Os peregrinos então o adoraram. E os tres Reis Magos, abrindo os cofres preciosos de agatha, de onix e de porphyro que comsigo haviam trazido, lhe offereceram o que só ao Deus vivo se offerece : ouro, incenso e myrrha.

* * *

Na manhan seguinte, a escrava Tuni foi despertar os soberanos que contavam voltar n'esse dia a Jerusalem. E lhes disse : Não entreis mais na cidade de Herodes. Tomae outro caminho para regressar ás vossas terras. Esta noite um Anjo me fallou em sonhos, e me revelou que Herodes busca o Menino para o matar. Porque o odeia com toda a força do seu máo coração de tyranno.

E depois, voltando-se para o velho Balthazar : O Anjo me ordenou tambem que eu fique em Bethlehem de Judá, servindo a Virgem Maria e o seu Filho divino. Porque em breve elles terão de fugir para o Egypto, minha patria; e Deus quer que eu os acompanhe.

Fica — respondeu o monarcha, abençoando-a — E que o Senhor seja contigo!

Assim permaneceu Tuni em casa de Nossa Senhora. A tradição oriental conta que o principe Aphrasiab, desesperado, mandára mensageiros e mensageiros á busca da escrava desejada, mas sem colher fructo das promessas, nem das ameaças. Conta ainda que Tuni seguiu todo o apostolado de Christo, desde o sermão da montanha até a Paixão e a Resurreição. E que por fim, se recolheu a uma caverna no deserto, para esperar na austeridade o dia da recompensa; e, de santa que era, os Anjos vinham, conversavam com ella, e a serviam.

MAGALHÃES DE AZEREDO.





O NATAL PORTUGUEZ



o outro dia, o numero d'esta mesma *Revista* consagrado a Eça de Queiroz, publicava um artigo magnifico de Eduardo Prado, no qual este delicado *dilletante* de todas as cousas de espirito, que está sendo um verdadeiro e admiravel escriptor, notava os symptomas varios do *renascimento portuguez* que se deixam enxergar na litteratura, na Arte, na archeologia, na politica colonial, em muitos ramos emfim da vida d'esta nação, *renascimento* que tem, como representantes entre nós, tres ou quatro espiritos de primeira ordem.

N'este artigo ha observações tão bem feitas, estão tão nitidamente traçadas as suas linhas geraes, que eu não pude deixar de exclamar, depois de o lêr, para um amigo meu e do auctor: « Como se vê melhor quando se vê de longe! Se o Prado aqui vivesse sempre, não era capaz de destacar, da anarchia mental em que nós estamos, estas tres ou quatro observações d'uma verdade tão flagrante e caracteristica. »

Ora, n'esse mesmo *numero*, por uma ironia subtil das cousas que eu intensamente gozei, Eça, o *mestre*, no primeiro capitulo da sua *Illustre Casa de Ramires*, contava como o descendente dessorado de extensissima linhagem de barões bravos e puros, que tinham sabido batalhar em homericas batalhas, da a desinteressada vida por chymeras, cunhar no oiro da Lenda, curtos dizeres de significativa grandeza; de barões que, por essa Historia de Portugal fóra, haviam tido paginas de luz e paginas de purpura — soffrêra um comico insuccesso quando tentava *reatar a tradição* entre esse passado portuguez de gloria, este nosso *apagado e vil* presente, entre *elles* que eram os avós soberbos, sem macula e sem pavôr, *elle* que era o neto exangue que passava dias e dias a discutir uma differença de renda de quatro moedas, e que fugia de medo a barricadar-se no quarto com

bahus velhos, ouvindo, cá fóra, o alentado vozeirão de um caseiro borracho, a bater na unica mulher da casa...

Deus me livre de trahir as intenções humoristas do auctor, affirmando que os portuguezes de hoje, alguns tão valentes, temerarios despresadores da morte e do interesse vil, estejam todos tão distanciados dos portuguezes que tomaram, com Sancho, Tavira aos mouros, que se bateram com o *Mestre de Avis* contra os Castelhãos, que morreram com D. Sebastião em Alcacér Kebir, como o Mendes Ramires do romancista está distanciados dos seus avoengos veneraveis; mas a mim, que estou *de dentro* e que não vejo na perspectiva da distancia as grandes linhas tão nitidamente apontadas por Eduardo Prado, a mim affigura-se-me que o velho Portugal se affundou nos mares que foram seu enlevo, que o velho Portugal morreu nas aventuras que tanto o namoraram, e que *reatar a tradição* é hoje como foi no tempo de Herculano — o nosso Macaulay e o nosso Walter Scott fundidos n'um só cerebro — e no tempo de Garrett, o amoroso colleccionador de quantos romances e chácaras o nosso velho *folk lore* possuia — uma chymera sympathica mas uma chymera simplesmente...

E, como duas contradicções pôdem muita vez conciliar-se n'uma verdade una, eu devo todavia acrescentar que tanto Eduardo Prado como Eça de Queiroz têm razão.

Depois do periodo ignaro fradesco, alvar, do seculo XVIII, em que Portugal perdeu inteiramente a consciencia de si proprio e dos primeiros cincoenta annos revolucionarios, emphaticos, ardentes deste seculo, que se, em muita cousa, nos *desnacionalisou*, nos trouxe tambem, com a volta dos emigrados, a primeira revelação da Europa culta e do Romantismo erudito, nunca mais os nossos espiritos superiores deixaram de ter presente a ideia de que só *nacionalisando-nos* na Arte, nas Lettras, na Politica, nós poderiamos adquirir uma sonhada autonomia.

É certo que ainda no fundo das villas sertanejas, nos

valles do sul, nas montanhas do extremo Norte, nos recantos do Minho alegre e verde, o Natal tem a sua consagração suave e mystica de festa de familia e de festa religiosa, mas a grande familia portugueza, unida, um dia, na mesma aspiração, na mesma esperança, no culto da mesma fé, no encanto do mesmo terno jubilo, já não communga á meia noute sob a abobada das cathedraes soberbas, sob o tecto baixo das ermidinhas ser-ranas, na igreja parochial onde o reitor é conhecido e querido de todas as ovelhas submissas, na capella florida dos solares antigos, na nave conventual, onde frescas noviças ollham cubiçosas, com os seus olhos virginaes nublados de lagrimas, para o lindo *presepio* onde o menino Jesus ri, roliço e nú.

Oh! que arvore de Natal estrangeirada e brilhante, vestida de crystaes prismaticos e polvilhada de luzes e cheia de fructos que são *bonbons*, e de flôres que são brinquedos e joias, valerá o nosso *presepio* antigo, o *presepio* da minha infancia, que eu vi ainda tão feliz, e que os meus filhos já não viram! Aquelle *presepio* era um mundo, não muito vasto, já se sabe, porque não eram muito vastos os conhecimentos de quem ingenuamente o preparava para regalo dos nossos olhos infantis e enlêvo de nossa alma crente e boa.

O menino era a sua figura central! Para elle convergia tudo, e a nossa attenção embora dividida mais tarde, era n'elle que logo á primeira se fixava avidamente.

Era de cêra o *menino*; núsinho, fresco, corado, com refeguinhos altos nas pernitias polpudas, nos bracinhos, nas mãos que lembravam folhas de rosa, nos pés que a gente sonhava em *calçar de beijos*. Tinha na cabecinha loura uma corôa de luzente metal e estava deitado sobre algodão em rama todo semeado de lantejoulas argenteas, e douradas e multicôres.

A fôrma, o processo tem variado; lá fôra nos estudos que vão da Historia até a colleccionação de proverbios e de canções populares é que aprendemos a saber como uma nação se readquire a si propria; mas todo este esforço se passa em regiões intellectuaes que o olhar da multidão não penetra ainda.

Se os poucos individuos que pensam em Portugal teimam e se obstinam n'essa obra da reconstituição mental de uma nação, o povo cá em baixo está em via de *desnacionalisar-se* mais e mais.

O Natal Portuguez é, pois, como as outras uma tradição que se não reata.

O nosso Natal desnaturalizou-se; o nosso Natal entrajou-se á moda de França, o qual o tinha já marcado com a sua marca leve e futil, ao recebê-lo poético, verdejante, polvilhado de tremulas estrellas, luminoso de pequeninas luzes, promettedor de mysteriosas surpresas, — das neves longinquas do Norte Scandinavo.

Hoje em cada casa opulenta ou elegante ou apenas snob de Lisboa, Porto e cidades gradas d'essas provincias que vão sempre no couce das nossas duas capitaes, a noite de Natal tem o seu pinheiro verde erguido no meio da sala luminosa, e enfeitada a flux de tudo que p'de sonhar a phantasia poetica, realisar a riqueza intelligente, imitar o *snobismo* pseudo-artista, engenhar a fertíl imaginação da burguezia endinheirada.

As creanças riem, porém em volta da arvore transplantada de outros climas, e onde estão creanças, está sempre

a ingenua graça, a verdade, a innocencia primitiva e crente.

Nossa Senhora no seu manto azul recamado de estrellas, manto que tinham bordado *mãos de anneis* (justamente as mesmas mãos de anneis que hoje *perpetram* terriveis aquarellas e calamitosas sonatas!), estava sentada entre flôres de papel e de alfenim e pedrinhas luzentes e conchas variegadas ao pé d'elle, do seu filho amado e pequenino, velando-lhe o somno dulcissimo e mostrando-o ás gentes attonitas que a estrella dos magos tinha trazido ali.

E que variada e estranha composição aquella! Havia de tudo na assembléa disparatada, pittoresca, deliciosamente anachronica. Saloias com cestinhos de ovos, gallegos com minusculas gaitas de folles, pastores travendo ao hombro os cordeirinhos brancos, e lanudos, reis de manto e corôa, anjes de azas de papel, e gallinhas e patos e perús e a mansa mullinha de Bethleem e o boi pachorrento e dôce que lambêra talvez o divino corpinho nas palhas da sua mangedoura natal...

E que alegria se respirava alli nas figuritas engenhosas e nos que se deliciavam na contemplação de maravilhas taes!

Ninguem a fallar a verdade, se lembrava n'aquella hora do que fossem torturas, do que fossem dôres. Não havia instrumentos de supplicio entre as offrendas bucolicamente lindas com que a phantasia das velhas aias e das velhas avós enfeitava o florido *presepio*.

Estava longe o tragico Calvario, a arte symbolista não inventára ainda desenhar n'um recanto de penumbra, não longe do berço de luz, o madeiro tenebroso!

Sabia-se que o menino Jesus nascêra; que uma éra de felicidade apontava; que o *leite da tenua humana* ia correr em torrentes deliciosas inundando, dessedentando as almas; que as chagas dos miseraveis iam ser curadas ao contacto de divinos labios misericordiosos; que os pobres iam todos ser ricos, e que os maus ricos iam todos ser pobres; que os criminosos não mais seriam lapidados, mas remidos por uma palavra de luz transfiguradora e que seriam elles em face de tão caridosa indulgencia que fugiriam corridos, para longinguas thebaidas, a fazer penitencia e a lavar as proprias culpas na agua corrente das suas lagrimas; que um infinito amor fazia todos os homens irmãos; que a mesma vibração dôce e terna de caridade e perdão, perpassando nas almas, todas as amollecia divinamente...

O Menino Jesus nascêra. A dura Vida ia perder as suas arestas e as suas asperezas, a esperança reinaria nos corações, a paz desceria aos homens de boa vontade...

E tão innocentes como o menino de cêra que dormia no *Presepio* florido, ignorando o que o esperava ao despertar, eramos creanças que em torno d'elle sorriam extasiados, eram as mães que lhe rezavam na adoração plena da sua ingenua fé!

É que era terrivelmente concreta a religião da nossa raça. Não queria symbolos, não entendia de symbolos.

E quando a essa fé quizeram substituir cousas impalpaveis e aerias, no adocicado neo-jesuitismo clerical da devoção moderna, o povo furtou-se ao jugo desconhecido, e visto que lhe tiraram a *Nossa Senhora* de manto e corôa, e o *Menino Jesus*, e o *Senhor dos Passos* da sua infantil credence, ficou sem elles e sem o novo Deus que lhe quizeram revellar e com quem se não soube entender.

* * *

Se a mystica feição do Natal se tem modificado a ponto de quasi de todo transformar-se, se apenas em poucas casas patriarchaes de um Portugal de que poucos vestigios restam já, se celebra ainda na sua primitiva e ingenua graça o Natal de outros tempos, o que é certo é que esta festa está de tal modo entrelaçada na vida de familia de todo o portuguez, que até aquelles mesmos que se esqueceram do que o Natal representa, ou que renegaram faustosamente e *livre pensadeiramente* o que o Natal significa, ligam á noute fatidica e ao dia jubiloso muito do que melhor e mais puro tem na sua vida o seu coração. A familia portugueza que já não ceia, não sei se por hygiene, se por economia, ceia n'aquella noute ainda mesmo quando desobediente ao preceito, não tenha jejuado n'aquelle dia.

E para terem o gosto supremo de ouvir vibrar as doze badaladas que tantas gerações successivas escutaram com enternecido alvoroço, junto da mesa familiar onde se assentaram pequenos, ao lume da chaminé que em pequenos os aqueceu, sob o olhar grave e meigo que os vellou, quantos não fazem todos os annos longas caminhadas pela dura invernia, sob fustigantes bategas de agua, ou no frio da neve que cæe em floccos de algodão branco devagar, muito devagar sobre o dorso aspero das vastas serranias inhospitas...

E essa ceia em que as almas se unem n'uma doce communhão de alegria e de affecto, quantas vezes a ensombra, melancolica e pungitivamente uma saudade, quando o ausente que falta e tem alli desoccupada a sua poltrona antiga, anda, o que tantas vezes succede nas nossas terras de marinheiros e pescadores, por sobre as aguas do mar traiçoeiras e glaucas, está, o que é frequente agora, combatendo na negra Africa, na espessura dos mattos e na densa escuridade das florestas; ou o que é bem peor que tudo, fez a definitiva viagem para o mysterioso paiz d'onde ninguem voltou.

E é então preciso para que a festa não seja de lagrimas, que as creanças riam muito, chalreim muito em torno

á meza a que se assentou na cadeira vazia um hospede invisivel, um hospede que a preside, e de que só ellas, as divinas ignorantes, não têm a revellação nem têm o pavôr...

As maneiras de celebrar a festa suprema do Christianismo têm variado, têm perdido muita da sua poesia característica de outr'ora; os *bailes infantis*, as *arvores de Natal*, substituiram a missa do gallo tão alegre e pittoresca e o Presepio ingenuamente armado; na *consoada* as *bróas* foram substituidas pelo *Christmas pudding* e as rabanados pelos *marrons glacés* e os pasteis de bacalhau pelo *foie gras* em *belle-vue*. Ha, porém, uma cousa que em todo o caso se não pôde apagar do coração dos homens, ainda mesmo d'aquelles que negam este christianismo florido e consolador e pittoresco e dôce de que ha dezenove seculos vivemos, que em dezenove seculos nos tem penetrado por todas as fórmãs, affeição como affeição a argilla molle a mão do artista creador :

É que o Natal é por excellencia a festa da religião, a festa da patria, a festa da familia.

Da religião que nos deu com a caridade e o amor o melhor thesouro da nossa alma; da patria, em cujo torrão humido ou glorioso dormem na grande paz aquelles de quem tanto nos lembramos n'esse dia; da familia que nos cerca e nos sorri, no agasalho dulcissimo do nosso querido lar.

Ó doce Natal em que a christandade celebra o advento d'Aquelle que morreu por nos amar, d'Aquelle que nas duras trevas do mundo antigo trouxe a palavra de arrependimento ao carcere onde gemiam os reprobos, a palavra de paz á arena onde se despedaçavam as inimigas raças, a palavra de Amor a todos os corações que tinham fome e sede d'elle... Celebrem-te os homens como quizerem ou souberem. Porque um dia a tua aurora raiou no limpido Céu de Bethleem, o mundo ficou para sempre atravessado por uma flecha de luz que nenhuma sombra extinguirá...

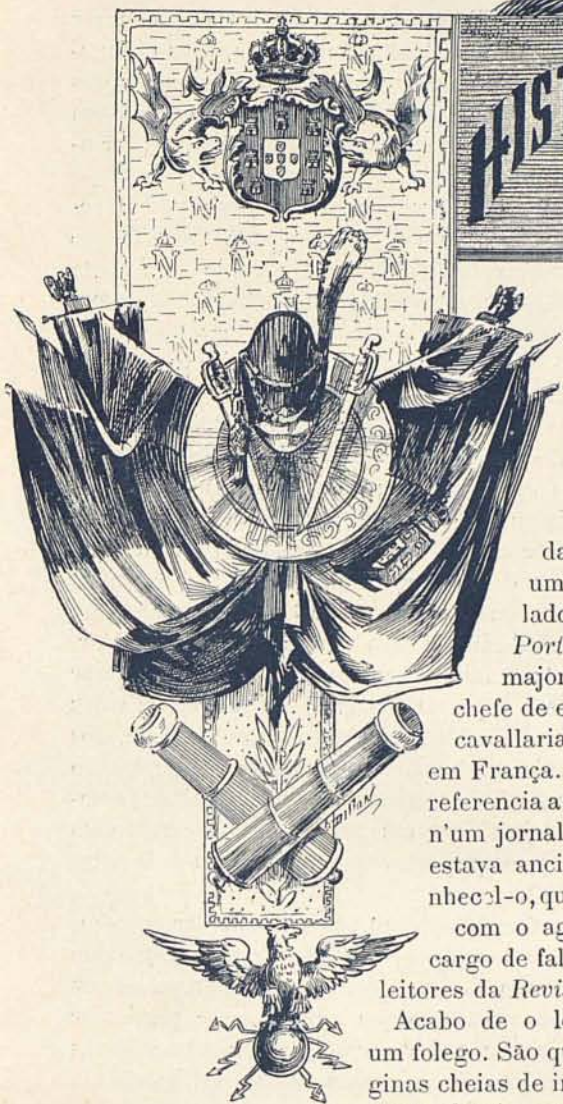
Salve !

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.





HISTORIA DA LEGIAO PORTUGUEZA



A casa editora franceza Berger Levrault acaba de dar á estampa um livro intitulado *La Légion Portugaise*, do major P. Boppe, chefe de esquadrão da cavallaria territorial em França. Eu vira uma referencia a este trabalho n'um jornal de Pariz e estava ancioso por conhecê-lo, quando recebi com o agradavel encargo de fallar d'elle aos leitores da *Revista Moderna*. Acabo de o ler, quasi de um folego. São quinhentas paginas cheias de interesse para

quem deseje seguir, atravez das mais emocionantes vicissitudes, a vida d'um punhado de portuguezes, na situação mais extraordinaria em que se podiam encontrar soldados que tinham de combater ao lado dos inimigos da patria, ao mesmo tempo que no seu torrão natal esses inimigos eram batidos e rechassados pelos seus irmãos d'armas.

Apezar de não se tratar d'uma pagina da historia militar portugueza, não deixa de ter para nós um interesse muito particular a chronica guerreira d'esses nossos compatrioticos, que, pelo menos, mostraram, batendo-se ao lado dos soldados mais aguerridos da Europa, que não só lhes não eram inferiores em brio e em valor, mas até os excediam por vezes! Digam-nos os regimentos portuguezes que tomaram parte nas batalhas de Wagram e de Smolensko!

Alguma cousa tinhamos já que nos esclarecesse ácerca da organização, existencia e feitos da *Legião Portuguesa* ao serviço de Napoleão, ou *Legião de Alorna*, como é conhecida em Portugal. De valioso subsidio servem para esse fim os apontamentos e escriptos de Theothonio Banha e Manuel de Castro Pereira de Mesquita, colleccionados pelo Sr. Claudio Chaby¹, e o resumo de manu-

scriptos ineditos de José Garcez Pinto de Madureira², pelo Sr. Bento da França³.

Recentemente, o Sr. A. Fernandes Thomaz publicou, em edição particular e muito restricta, um trecho que obteve dos diarios ineditos do general Planplona³.

Em situações diversas, cada um d'esses *legionarios* que escreveu as suas impressões, mais para seu uso particular do que para constituir um trabalho de informação completa e rigorosa, tratou apenas do que viu, nas espheras restrictas e muitas vezes desconstradas da sua acção; porque mesmo depois de organizada em maio de 1808, a Legião esteve quasi sempre dividida.

O livro do Sr. Boppe, de natureza muito diversa, é um repositório valioso de documentos ineditos, exhumados do Archivo do ministerio da guerra de França e outros Archivos d'esse paiz, á luz dos quaes assistimos á genese, á vida, e por fim á extincção da Legião Portuguesa. É sob esse ponto de vista uma historia completa, com o merecimento do auctor não ter querido, muito de proposito ao quo parece, acrescentar nada ao que naturalmente resalta da leitura d'esses documentos, limitando-se a ordenal-os e a ligal-os com umas singellas referencias e as indispensaveis cerzaduras, para estabelecer a ordem e o methodo na narrativa.

Por essa fôrma, não só nos dá uma grande copia de informações novas, mas valorisa, põe em relevo e explica, muitas vezes, as informações que já possuíamos.

Para o coração dos portuguezes é um livro ao mesmo tempo agradavel e desconsolador! Enthusiasma por vezes; mas quantas nos não deixa o espirito annuviado e opprimido!

É bello, realmente, seguir aquelle troço de compatriotas que formam na *élite* das tropas do novo Cezar. É bello vellos estimados, festejados, applaudidos, mantendo a disciplina no meio das privações do exilio, e batendo-se como heróes nos campos de batalha. É bello ver, em desmentido solemne ao que se dizia do soldado portuguez, a

Theotonio Banha, e a *Historia da Legião portugueza em França*, attribuida ao conselheiro Manuel de Castro Pereira de Mesquita; ambos esses trabalhos estavam ineditos.

1. José Garcez Pinto de Madureira, que fez parte da Legião, deixou ineditos os seguintes trabalhos, que hoje possui o seu descendente, o Sr. Barão da Varzea do Douro: « — *Historia da Legião Portuguesa ao serviço da França*. » « *As minhas memorias*, » e « *O Meu Diario*. »

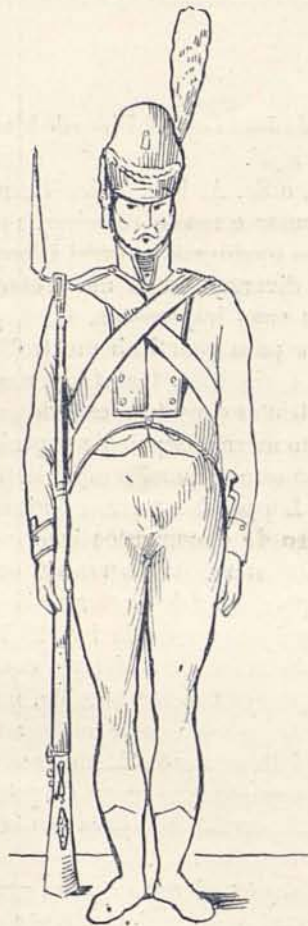
2. A *Legião Portuguesa ao serviço do Imperio francez*, estudo baseado nos manuscritos de José Garcez Pinto de Madureira, pelo tenente de cavallaria Bento da França.

3. *Episodio da terceira intasão. Diario do general Manuel Ignacio Martins Pamplona. Maio a Setembro 1810*. Publicado por A. Fernandes Thomaz 1896.

1. O Sr. Claudio Chaby coordenou e publicou em 18... os *Apontamentos para a historia da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I, mandada sair de Portugal em 1808* pelo tenente

quem davam officiaes inglezes a commandal-o, como esse soldado vae do extremo da peninsula até o interior da Russia, levando sempre á sua frente officiaes portuguezes e apresentando-se em condições eguaes ou superiores ás das outras tropas.

Mas ao mesmo tempo, que tristeza vê-o no sequito do



INFANTERIA
(Legião Portuguesa).

inimigo da sua patria, aclamando-o, defendendo-o, deramando por elle o sangue, enquanto os seus compatriotas affrontavam a morte para o expulsar do paiz onde entrára traiçoeiramente, em tom de paz, mas no proposito de implantar a oppressão e a guerra!

E, comtudo, não sou dos que mais intransigentemente os condemna. Colloco-me no meio e na situação especial em que estavam; ouço mesmo a alguns d'elles os seus depoimentos, e se os não absolvo, não os vitupero. Se alguns tinham ido voluntariamente, e por ambição, muitos haviam sido compellidos e forçados. José Garcez nos seus manuscriptos, onde punha o pensar e sentir de cada dia, lá nos diz que « pensando cada um, que já tinha postos no exercito e idade de servir, que se marchasse como official, dando baixa, podia depois ir como conscripto e soldado, a razão e o bom senso faziam com que muitos officiaes partissem a servir, contra sua vontade, uma nação que não era a sua, longe dos lares em que tinham nascido ». Depois, na onda brilhante, onda humana, rugidora e fremente, que o grande capitão do seculo levava atraz de si, no seu irresistivel encanto, que

admira que muitas vezes se esquecessem os gritos longinquos da patria afflicta, para só se ouvirem os clamores retumbantes da Victoria! Ninguém ainda, como Napoleão, teve o poder de fascinar o soldado! Em muitos dos documentos publicados pelo Sr. major Boppe, lá vem manifestada essa fascinação exercida sobre os portuguezes ao seu serviço.

Em março de 1808, o general Felix Dumuy, em seguida a passar em revista a meia brigada de *élite* que Napoleão mandára constituir em Grenoble com parte das forças da Legião, tendo lido em portuguez a ordem que recebera, mandava dizer n'uma carta ao ministro da guerra: — « Je dois rendre compte à Votre Excellence de l'enthousiasme avec lequel les Portugais ont reçu cet ordre et combien ils ont été flattés de cette preuve de confiance de Sa Majesté ». — Todos queriam fazer parte da meia brigada; como o coronel Pego, o marquez de Valença, com lagrimas nos olhos, queria ir tambem! E o proprio Gomes Freire de Andrade, que mais tarde havia de morrer em holocausto ás liberdades patrias, « adoezia se não entrasse em campanha », e, segundo o general Muller mandava dizer ao imperador, era essa a prova maior que elle dava « de son amour pour Sa Majesté ». — O marquez de Alorna era dos mais entusiastas, cortezão mesmo, e, francamente, dos menos sympathicos á luz dos documentos emanados do seu proprio punho! Nem me atrevo a reproduzil-os, comquanto se possa justificar em parte o procedimento do velho general, perseguido e expoliado no seu paiz pelos inglezes.

Por mais desagradaveis que nos possam ser, porém, em alguns pontos, os novos elementos de apreciação que o paciente trabalho do Sr. Major Boppe foi arrancar aos archivos do seu paiz, mas que afinal n'esse particular não faz mais do que confirmar o que por outras fontes era conhecido, a verdade é que nunca a historia da Legião Portuguesa foi posta, como agora, em plena evidencia e n'um tão notavel relevo. Com esses materiaes tão copiosos e ricos, pôde-se hoje fazer a historia completa da Legião.

Seguindo no encaço do que na *Correspondencia* de Napoleão já fôra em grande parte revelado, e acompanhando e explicando, em presença dos documentos, o pensamento do imperador, o Sr. Boppe mostra-nos a vida accidentada e brilhante da Legião, a partir dos seus inicios.

Desde que mandou invadir Portugal, no seu hybridio conluio com o gabinete de Hespanha, Bonaparte formara o plano de organizar um exercito de soldados portuguezes que fossem batalhar bem distantes da patria. As razões eram obvias: enfraquecia assim o poder militar de Portugal, expatriando os seus melhores officiaes e soldados; adquiria novos elementos de força para as guerras em que andava empenhado, e, por segurança, tinha os officiaes portuguezes como refens. A nomeação do Marquez de Alorna para commandante d'esse exercito, representava a inutilisação d'um homem que tinha prestigio no paiz e que na memoravel manifestação popular que no Rocio de Lisboa lhe fôra feita, por occasião da entrada dos Francezes, era logo indicado como um perigo a afastar.

Os documentos jogam perfeitamente com as cartas de Napoleão a Junot, instando pelo desarmamento e licen-

ceamento do exercito portuguez, e, ao mesmo tempo, pela organização d'um corpo de cinco a seis mil homens que, devidamente ajuramentados, seguissem por Bayona, em columnas de mil.

E as ordens foram rigorosamente cumpridas. Logo na sua primeira proclamação ao povo de Lisboa, Junot se não esquecer de dizer que « as tropas portuguezas, com os seus chefes mais recommendaveis, não tardariam em constituir uma só familia com os soldados de Marengo, de Austerlitz, de Iena e de Friedland »...

A familia real portugueza tinha-se ausentado para o Brazil, evitando assim as ordens que Junot recebera de a remetter para França, como refens, e o unico grito sensato partira d'uma louca, D. Maria I, que ao embarcar exclamava : « Pois vamo-nos embora sem dar um tiro ! » O conselho governativo recommendava a todos a maior cordura e moderação; a policia de Lisboa, ás ordens d'um francez, o Conde de Novion, era pelos francezes. Isso não impedira, contudo, que a reacção se manifestasse bem clara em Lisboa, ao vêr arriada a bandeira portugueza para ser substituida pela do invasor, e na provincia ao apparecerem os soldados francezes que eram logo assassinados ! E foi n'estas condições que a flôr da nobreza e da milicia portuguezas, representada pelos Marquez de Alorna, Martins de Pamplona, Gomes Freire de Andrade, Conde de Albuquerque, Marquez de Valença, Conde do Sabugal, Marquez de Loulé e tantos outros, e pelos melhores soldados do exercito portuguez, se viram obrigados a abandonar a patria em serviço de Napoleão, cujos pontos principaes de insistencia eram os seguintes :

- 1º Todo o paiz occupado pelas suas tropas ;
- 2º Desarmado e licenciado o exercito ;
- 3º As melhores tropas portuguezas enviadas para França em pequenas columnas ;
- 4º Todos os principes, ministros e outros homens importantes que pudessem servir de ponto de concentração, mandados egualmente para a França.

Seguindo por Coimbra, Almeida e Salamanca, o pequeno corpo de exercito portuguez constituido por 5 regimentos de infantaria, 1 batalhão de caçadores, 3 regimentos de cavallaria e 1 esquadrão de caçadores a cavallo, passava em Burgos de 10 a 17 de Maio de 1808, e parte d'essas forças entrava em França nos primeiros dias de Junho. Dois regimentos de infantaria, porém, o 4º e o 5º, o batalhão de caçadores e uma pequena força de cavallaria, por se acharem ainda em Hespanha, viam-se na contingencia de tomar parte no cerco de Saragoça, sob o commando de Gomes Freire de Andrade. Quem conhece o que foi a lucta titanica em volta dos adarves invenciveis da nova Sagunto, pôde bem aquilatar o que foi o esforço e o sacrificio das tropas de assalto contra a heroica fortaleza ! Os oitocentos portuguezes de Gomes Freire estavam n'aquella singular situação perfeitamente definida pelo general Foy : « Os soldados portuguezes combatiam, exterminavam os hespanhoes, enquanto que em Portugal os seus paes e os seus irmãos, unidos de coração aos hespanhoes e fazendo com elles causa commum, sustentavam contra os francezes uma guerra de morte. »

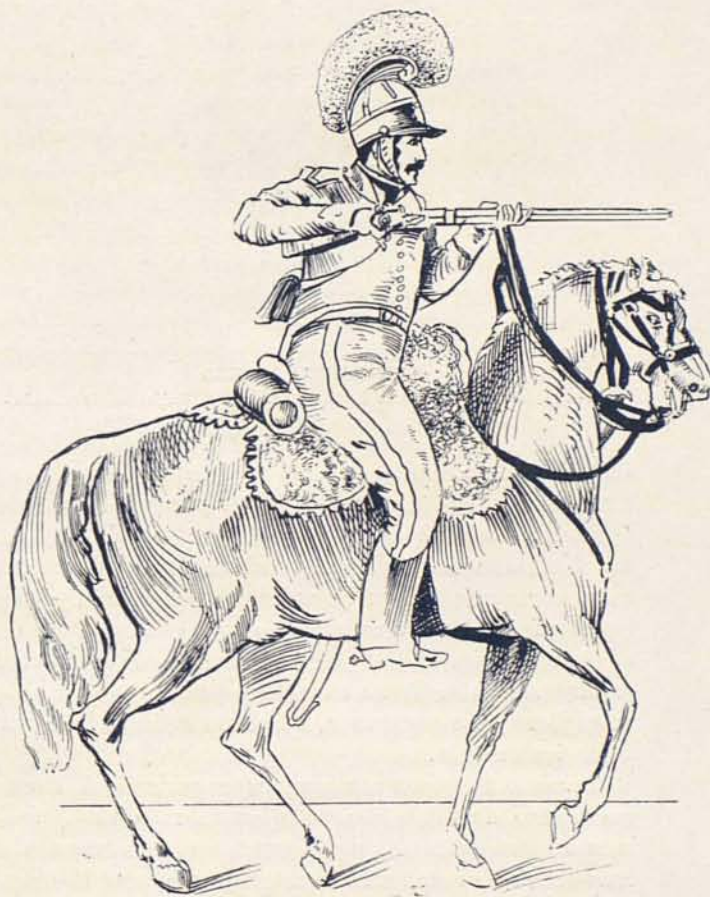
Eram os mesmos que mais tarde haviam de combater

ao lado de hespanhoes incorporados na Legião a favor da causa franceza.

Singulares destinos da guerra !

Sigamos o notavel livro do Sr. Boppe.

O cerco de Saragoça foi um episodio da existencia da Legião, antes mesmo da sua constituição definitiva ; a organização de 18 de Maio de 1808 era alterada em Outubro, sendo supprimido o batalhão de caçadores, que em Saragoça se distinguira tanto. Ainda, porém, essa alteração não era decisiva. Novas levas de soldados haviam chegado de Portugal, onde Napoleão mandára expressamente officiaes para os recrutar e conduzir. Por decreto de 10 de Março de 1809, era constituida uma meia — brigada de *élite*, sob o commando do general Carcomo Lobo : — « douze superbes compagnies, tous hommes robustes, déjà bien exercés et très propres à entrer en campagne » — segundo a informação official do general Felix Dumuy. É esta meia-brigada que, com o nº 13 no corpo de exercito de Oudinot, se assignala na batalha de Aspern e principalmente na de Wagram. São unanimes as informações que attribuem a dois regimentos da Legião a resistencia na tomada d'uma posição impor-



CAÇADOR A CAVALLO
(Legião Portuguesa).

tante de que dependeu o exito da batalha, levando Napoleão a dizer ao conde d'Ega : — « Estou muito satisfeito com os vossos portuguezes ; combateram sempre com muita gallardia, e decerto não ha na Europa melhores soldados. »

É claro que no livro do Sr. Boppe, essencialmente

constituído por documentos officiaes, se não encontra a parte episodica da batalha; em todo o caso, temos pena que não pudesse alli figurar a ordem do dia a que se re-

lença e o Conde do Sabugal, preferiram desertar, o — levou o imperador a desistir do seu intento. Só foram enviados a Massena alguns officiaes que a isso se prestaram, entre elles Alorna e Pamplona.

Afastado este perigo e esta deshonra, as tropas portuguezas acompanham os francezes nas vicissitudes da politica napoleonica em Simplon, onde Gomes Freire ficou como commandante do departamento, ou nos diversos pontos da França e dos territorios occupados. Em Agosto de 1811, já bastante reduzida, a Legião é novamente organizada, e com esta organização toma parte nas campanhas da Russia. Dos seis batalhões portuguezes, dois foram destinados ao 2º corpo do exercito do Elba, do commando do principe d'Eckmuhl e quatro ao corpo de observação do Oceano, commandado pelo duque de Elchingen.

Se em Wagram os portuguezes haviam partilhado com os francezes as glorias e os triumphos, nos plainos da Russia tinham tambem o seu grande quinhão de amargura nas privações, nas luctas e nos desastres. Em Smolensko tem o 1º batalhão da Legião um official morto e sete feridos; no combate de Valutina tres mortos e oito feridos; o 2º batalhão perdeu doze officiaes, mortos no campo de batalha ou em consequencia de ferimentos, 12 feridos, 18 tomados pelo inimigo e 12 que



INFANteria LIGEIRA

13ª brigada de « élite » da Legião Portuguesa (Uniforme de parada).

fere Theotonio Banha, na qual o imperador, dirigindo-se aos portuguezes, dizia: — « Uma parte da victoria de Wagram vos é devida. » — Todavia o facto de Napoleão ter destinado dez condecorações da Legião d'Honra á força portugueza, além de outras recompensas, prova o papel que ella teve n'esse memoravel encontro, em que só a meia-brigada teve tres officiaes mortos e quattros feridos, não fallando na cavallaria que, tanto no serviço de exploração e segurança, como no embate, teve uma acção importante.

Havendo as tropas portuguezas regressado á França em Agosto de 1810, Napoleão concebeu a idéa, realmente extraordinaria, de as encorporar no exercito de Massena, que recebera o encargo de subjugar Portugal, procurando conseguir o que nem Junot, nem Soutl haviam realisado. O ministro da guerra, duque de Feltre, fez a proposta machiavelica de se conceder aos officiaes, — a partir do marquez de Alorna que seria promovido a marechal, — um posto de accesso, mas que só seria reconhecido quando chegassem a Portugal. Um dos documentos curiosos que o Sr. Boppe publica, é a lista d'essa promoção que já estava formada. Felizmente; a repugnancia que uma tal violencia creou no animo dos portuguezes, — « alguns dos quaes, como o marquez de Va-



GRANADEIRO

Da 13ª brigada de « élite » da Legião Portuguesa (Uniforme de parada).

ficaram no caminho na desastrosa retirada do exercito; o 3º batalhão só na passagem da Berezina perdeu 35 off-

ciaes! Tambem a cavallaria soffreu grandes perdas: o regimento do duque de Loulé teve 8 officiaes mortos e 9 feridos. Quantas vidas, quanto sangue portuguezes em holocausto á ambição d'um inimigo da patria!

Da Legião Portugueza, depois de com os seus restos ter formado um batalhão de pioneiros, e mais tarde um regimento composto de portuguezes e hespanhoes, só restavam em França em 1815 alguns officiaes e soldados, que nem na gratidão nem nos sentimentos de humanidade lograram sequer o reconhecimento dos sacrificios que haviam feito por uma causa que não era sua!

Por todas estas phases, que acabámos de percorrer rapidamente, nos leva o valioso livro de Sr. Major Bopper a aprofundar, á luz de uma grande copia de documentos, o estudo, por tantos titulos interessante, d'um caso singular e curioso da historia militar dos portuguezes. Sendo um livro que interessa ao estudo da organização e acção politica do exercito francez, tem para nós, os portuguezes, um interesse particular.

Illustram o volume um excellente retrato do marquez de Alorna, e quatro chromo-lithographias representando os uniformes da Legião, reproduzidos da collecção do general Vanson. Já na edição do trabalho de Theotonio Banha fôra publicado em Portugal um especimen dos uniformes de cavallaria e infantaria, e o 4º volume da *Historia da Cavallaria Portugueza* traz a figura d'um soldado de cavallaria, 'apeado, segundo as illustrações d'um manuscripto da Bibliotheca de Ajuda que Emile Constant offereceu ao Sr. D. Luiz I. Ha pequenas divergencias; mas, evidentemente, as illustrações do Sr. Boppe têm todo o cunho de authenticidade.

Felicito sinceramente o illustrado official francez pelo serviço que acaba de prestar não só ao seu paiz, mas a Portugal, e fazemos votos para que o seu nobre exemplo encontre quem o imite com igual proficiencia e accuro em outras espheras de investigação.

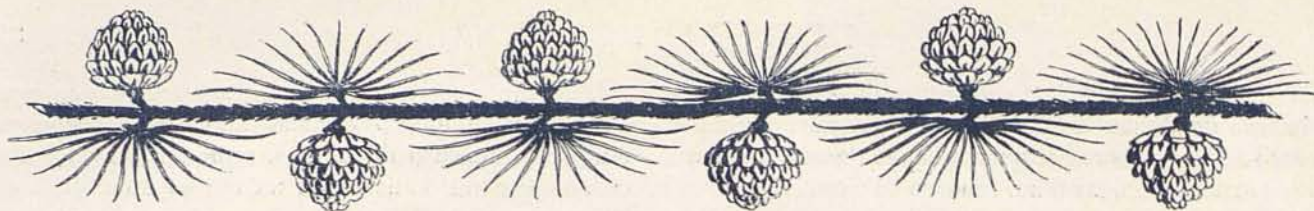
CHRISTOVAM AYRES.

Lisboa, 23 de Novembro de 1897.



GENERAL MARQUEZ D'ALORNA

Commandante em chefe da Legião Portugueza (1755—1813).



O Natal em Pariz



AS o que vale divagar, Amigos! em philosophicos devaneios nas *terrasses* do *Pousset* ou do *Café de la Paix*, á hora do absyntho, com os olhos humidos e o pensamento lá bem longe, na familia ausente! Oh! bem sabemos que logo á meia noite os sinos vão repinicar festivos nas caiadas ermidinhas, capellinhas d'anjos e de pastores — das nossas aldeolas da patria tão distante!...

Dlim, dlim, dlim, dlim, dlim,
Natal! Natal! festa da neve.....
Badalam sinos, que festivo som
De branco e ouro todos os altares
Sinos festivos a tocar nos ares.....
Noite de festa, que se não desreve!

E tambem sabemos, Amigos! que no altar mór das nossas tão pittorescas egrejas de Portugal e do Brazil, resplendem logo á meia noite os thronos de luz, onde, entre faiscentes crepitações d'ouro fulvo e cabelleiras de trigo branco, que saem dos vasos de porcellana azul e branca, dorme o Menino Jesus no seu berçosinho de rendas que o povo, piedoso e crente, vae beijar após a missa!

Dlim, dlim, dlim, dlim, dlim!
É meia noite; e o povileu da aldeia
Em bando corre ao adorado som.
Missa do galo rescendendo a incenso!
E a neve cobre o horizonte extenso
De floccos brancos, cõr de lua cheia.

Recordações do passado mesmo n'este exilio delicioso de Pariz! Lembranças da infancia! Distantes visões de ha quinze annos, e na nossa mente dolorida passa a imagem da avósinha de cabellos como fios de prata, distribuindo as rebanadas aos netos irrequietos! e depois a festa da consoada, o perú, a gallinha corada entre o arroz d'um loiro pallido, a canja tão apetitosa, os vinhos, os doces, tudo muito bem preparado sobre a alva toalha de fino linho, na larga mesa, onde toda a familia se vae reunir para trocar as saudações intimas.

Mas não é do Natal da nossa patria que nos vamos occupar.

É do *réveillon* pariziense, da Natividade n'este Pariz alegre e sempre em festa, da *symphonia* de cõr em toda a perspectiva dos *boulevards*, da decoração das vitrines, do aspecto do Pariz intimo na noite de 24 de Dezembro, do hilariante Montmartre, onde a cotovia da bohemia

trina, radiosa, do Pariz das docerias *chics*, do Pariz das ceias do Paillard, do Durand, do Voisin, do Noël Peters, do Maire, do Joseph, do Maxim's, de la Paix, da Maison Dorée, do Pariz deslumbrante do bairro Monceau e dos faubourgs elegantes, do Pariz das arvores de Natal, alegria dos *bébés*, — e mesmo do Pariz pobre, devorando pedaços de *boudin* á porta das salsicharias e esvaziando *p'tit bleu à seize*, nos *mastroquets* da Villette e de Montrouge.

* * *

Todo o Pariz do Natal — surprehendido em flagrante em todos os meios, os mais diversos.....

No Pariz do Natal temos logo antes de tudo o aspecto dos grandes *boulevards*, da Magdalena á Bastilha. Ábeira dos passeios, d'um lado e d'outro, a enfiada tão pittoresca das barracas Collet, onde se vende o puro e genuino *article de Paris*, que o *camelot* explora e que é geralmente fabricado nos sextos andares dos bairros do Marais e de Saint-Denis. É por esta occasião que apparecem as famosas *scies* e as complicadas *questions du jour*, como *onde está o gato*, a *voz de Sarah Bernhardt*, o *desejo da minha sogra*, a *triplice alliança*, etc. N'essas barraquitas vende-se quasi de tudo: photographias, bonecas, azeitonas do Serrazin, castanhas geladas, objectos de bronze, de faiança, de *terre cuite*, de porcellana, livros usados, facas e navalhas de fabricação d'Auvergne, pastilhas e *nougats* do Oriente, fructos vulgares e exóticos, trabalhos de bordados e de rendas, aneis de pedras falsas, braceletes de pechisbeque, flôres de papel pintado, nozes, pomadas contra os callos e as frieiras, e toda a quinquilharia barata de bazar, obra d'artistas *en chambre*, que tiram o ventre da miseria, da vespera de Natal ao dia de Reis, a temporado permittida a esse arraial de mau gosto no centro da mais linda cidade do mundo! E os estabelecimentos em festa do boulevard, da Avenida da Opera e da rua da Paz! A extranha e orchestral decoração dos confeitheiros, com as *vitrines* atulhadas de *plum-puddings*, de *marrons glacés*, de *pralines*, de gelados multicôres, desde o Boissier e o Marquis até o Julien; as *étalages* das livrarias com edições luxuosas em encadernações de vermelho e oiro, os livros *d'étrennes* que reclamam estantes d'um gothico lavrado e que só podem ser folheados por princezas de sonho; as floristas desde o *Labrousse* ao *Vaillant*, expondo *corbeilles* de mil francos e *bouquets* de flôres raras; as *devantures* das ourivesarias, todas resplandecentes como thronos de lausperenne, os *bijoux* de preço hallucinador, os *ca*

deux de millionario, e nas casas de comestiveis os perús trufados com enormes ventres leivados d'azul escuro, quasi a estoirar, na *vitrine* de Potel e Chabot, e ao lado de cachos d'uvas phenomenaes como dedos de gigantes, artificiosamente creadas nas estufas belgas, os molhes de *asperges*, barrisinhos de caviar russo, peixes *fumés* de Hollanda, a caça rara e mais cara, as terrinas d'*alouettes*, o *boudin* de Nancy, as *saucisses* de Francfort e de Toulouse, as truffas do Périgord, todos os *primores*, que são pagos a peso d'ouro pelos Balthazares e os Gargantuas da 3ª republica.

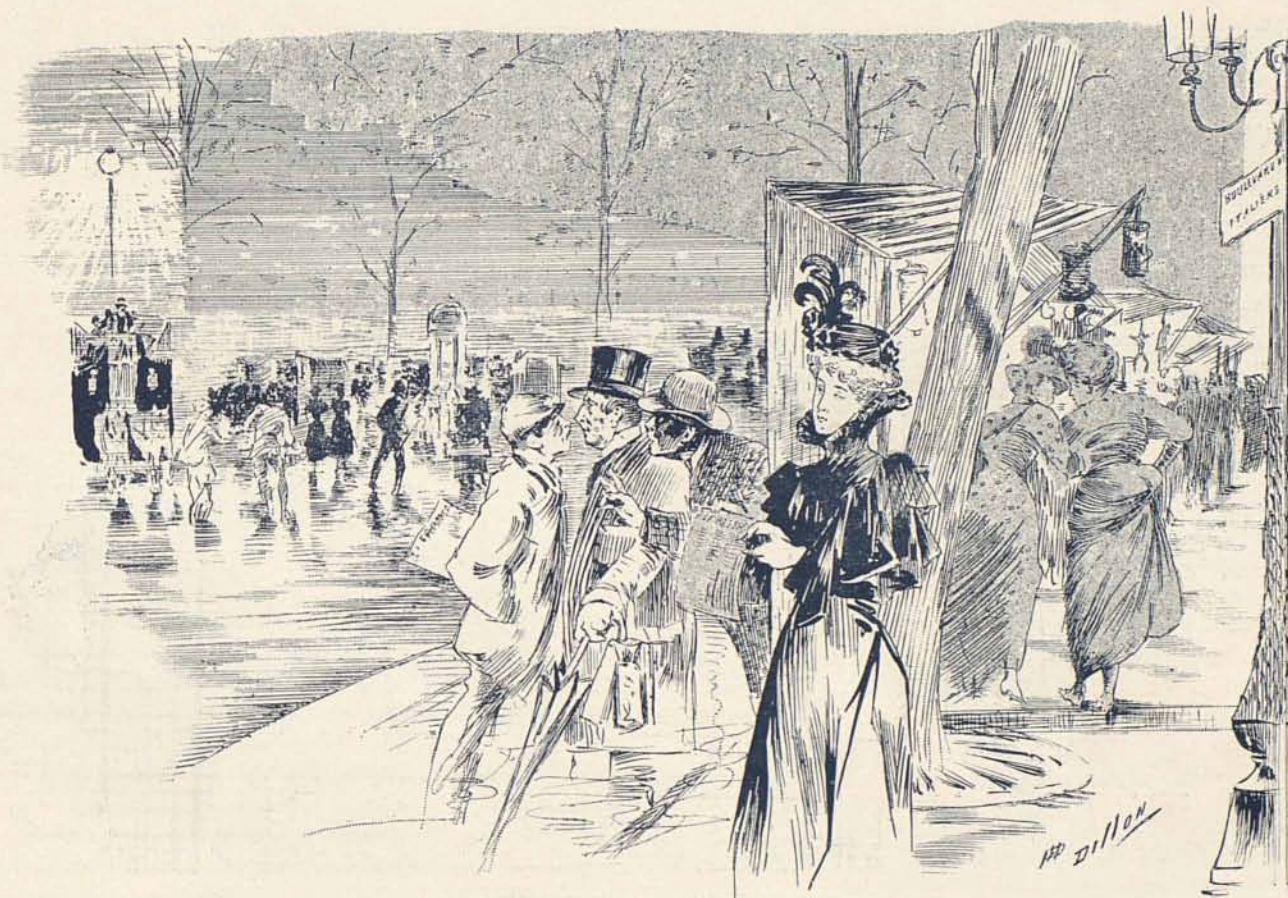
Mas, enquanto o povileu enche os *trottoirs*, formando grupos compactos deante dos estabelecimentos illuminados e deante das barracas mais interessantes, — nos

pagne cinco a seis francos e os *foies gras*, as truffas, os gelados, as saladas russas não são para a bolsa dos proletarios ou tristes cultores da Musa em *dèche*.

Os convivas mais pittorescos a estudar no *réveillon* de Pariz, são os dos *cabarets de nuit* no alto da encosta dos *Martyrs*, onde, como se diz tão bem na humana canção de Marcel Legay, o Moinho Vermelho, azas ao vento, móe a farinha do Amor.

Todo um mundo, talvez o mais curioso de Pariz, enche o trecho do *boulevards* exteriores, da *Place d'Anvers* até à *Tartine* na Praça de Clichy, a grande bohemia creada pelo saudoso e hilariante Salis do *Chat Noir* e Bruant do *Mirliton*.

Oh! as doidas patuscadas da *butte sacrée*, dos salões



Aspecto dos boulevards durante a noite de Natal.

restaurantes preparam-se as mesas para as ceias do *réveillon*. Estas pandegas variam muito de preço. Não se consoa por igual somma de luizes no café Inglez, ou no Napolitano, ou na *brasserie* do Pousset. Ha uma distancia enorme entre o Restaurante do Café de la Paix ou *chez Cubat* e o *Rat-Mort* da praça Pigalle. Convem assignalar, no entretanto, entre a suprema elegancia do Paillard e a bohemia *chez Pierre*, o *Brébant*, o *Zimmer*, o *Muller*, os dois Pousset do boulevard e do faubourg Montmartre, o *Coq d'Or*, o Americano, o Julien, o Grüber, o Tourtel, a *Abbaye de Thélème* na *butte sacrée*, e o *Vachette* do outro-lado do Sena etc., etc. Não creiam, porém, que n'estes restaurantes se pôde consoar com *marennas vertes*, vinhos especiaes e algumas peccadoras á mistura, tudo por meia duzia de francos, incluindo a gorgeta ao creado. Credo! Mesmo n'estas cervejarias é preciso pagar a simples tisana de Cham-

do primeiro andar da *brasserie* Fontaine, da *Nouvelle-Athènes*, do *Rat Mort*, da *Abbaye de Thélème*, da *Place Blanche*, do *Pierre*, da esquina da rua Houdon, da *brasserie de Trianon*, do *Cabaret de la Muse*, do *Tabarin*, do *Hanneton*, da *Souris*, da *Cloche*, da *Ermitage*, todos esses recantos bohemios de Montmartre, repletos, até manhã clara, de alegres canções, de champagne espumante, de raparigas cynicamente lindas, de *rapins* e de jornalistas, de *cabotins* d'ambos os sexos e mesmo de sexos vagos, de desequilibrados e de burguezes provincianos, que veem *faire la noce* na Babylonia moderna! E tudo isso uiva, berra, falla, ladra, ri, muge, salta, canta, espinoteia, as mesas cheias de bocks, *flûtes* de Cliquot e Moët, *tartines*, *soupe à l'oignon*, sandwicks de pão negro, a pantagruelica orgia que Xanrof e Yvette nos *bouis-bouis* elegantes andam cantando, a cinco para seis annos a esta parte!

O *réveillon* em familia, esse termina sempre com a arvore de Natal, a festa das crianças. É o mesmo, quer seja do primeiro andar das aristocraticas avenidas da *Étoile*, quer seja o da burguezia rica do Rio ou de Lisboa. Festas sumptuosas, de afinadas elegancias com *pas de quatre*, cotillon, ceias em pequenas mesas e a deslumbrante arvore do Natal, encanto de bebês, no salão reservado, com os ramos verdes todos a gottejar prendas de fadas encantadas, os brinquedos, as mais deliciosas phantasias do *Louvre*, do *Bon Marché* e das *Passagens*.

Nos *ménages* pobres onde os paes se não pôdem pagar o luxo dos millionarios da Avenida dos Campos Elyseos, as crianças, antes de se deitarem, collocam no ladrilho da

filhos d'escravos da Mina e da Officina, humildes da Assistencia Publica, engeitados, escória do mundo! que ha cerca de vinte seculos nasceu em Belem o Anunciador da Boa Nova? Pobresinhos, unico povo do Amoroso Jesus, dançae, bebei, folgae em todos os climas, em todas as terras, em todos os mundos. Os orgãos gemem do fundo das cathedraes em festa e sobre as Cidades e Aldeias resôa o cantico dos anjos, entoando os Bemdictos do amor, ao luar de prata, brancos como nenuphares, voando sobre a neve branca!...

Noël! Noël! les malheureux
N'ont rien pour eux
Qu'un ventre creux...



A noite de Natal no « grand monde ».

chaminé do quarto de cama um simples sapato. Depois o bom velho Natal, que anda de telhado em telhado para contentar as criancinhas, os bebês que são obedientes aos seus paes, os que nunca fizeram maldades durante o anno — desce pelo cano da chaminé abaixo e depõe dentro de cada sapatinho o desejado presente, a boneca de dez *sous* comprada no bazar à *treize* do faubourg, o regimento d'impavidos soldados de chumbo dos armazens da rua de *Rivoli*, os polichinellos, os Meninos-Jesus de *pâte* assucarada, os presepios baratos, toda a quinilharia dos desherdados, toda a bugiganga dos pobres, que Dickens tão poeticamente descreveu. Pois não foi para elles que nasceu, ha perto de 2000 annos em aspero e escuro logarejo da Judéa, no fundo d'um estabulo, entre vaquinhas mansas e um jerico sentimental, esse Bêbé ungido de luz, que os Reis Magos vêm adorar, caminhando por longas estradas, lá dos confins do mundo, guiados pela Estrella? Pois não foi para elles todos,

diz o poeta da *Chanson des Gueux*! Mas a alleluia do Amor ha de consolar em breve todos os que têm fome e sêde de justiça. Será a desforra d'aquelles que o Natal esqueceu.

* * *

Como o sol que nasce para todos, a caricia de Jesus-Menino é o universal balsamo, — toda d'oiro nos salões dos filhos dos ricos, toda d'alma no humilde e obscuro casebre onde se estiolam corroidos pela anemia os filhos dos sem-trabalho e dos sem-pão.

Duas notas pittorescas do Natal em Pariz: as musicatas que andam de rua em rua, tocando os ultimos *refrains* do Café-Concerto, nos pateos interiores das casas e esmolando com a devida permissão do illustre cerbero, Sua Ex^a o *concierge*; e as kernesses socialistas. Este anno devia haver uma para os lados de Belleville e outra na *Maison du Peuple* de Clignancourt.

Para esses sonhadores d'um futuro melhor, livres pensadores na maior parte, o Menino-Jesus não passa de um symbolo. E por isso nos *réveillons* baratos, a 2 ou 3 francos por cabeça, a par d'algumas irreverencias, como a habitual graçola do leitão assado com azas de papelão e resplendor, as canções, que a assistencia entôa, são todas allusivas ao Anunciador, que traz a Esperança da emancipação. N'esses *Noëls rouges* ha um *frisson* d'amoroso renovo, — mesmo quando, como na canção de Richepin, o desgraçado apresenta a taça vazia para saudar o Recemnacido divino.

Mas essas kermesses estão desaparecendo pouco a pouco. A gente que se diz da vanguarda, por um jacobinismo estreito, receia que essas festas bem pouco orthodoxas sejam no entretanto interpretadas como uma concessão, embora a derradeira, ás crenças religiosas. É levar um pouco longe o sectarismo.

dos Vedas. A festa do Natal nem sempre foi no dia 25 de Dezembro. Os primeiros christãos celebravam-na a 6 de Janeiro, para a não confundirem com a festa do paganismo. Só a partir do anno 354 da era de Christo, é que o Natal principiou a ser festejado pela igreja, em 25 de Dezembro.

* * *

E a missa do gallo!

Não é a festa modesta da aldeiasinha minhôta, na noite escura de céu turvo, no frio agreste de Dezembro.

A *messe de minuit* em Pariz tem um caracter especial e varia mesmo, senão no ritual liturgico, o que era impossivel, mas no esplendor e na qualidade dos fieis. Em quasi todas as igrejas ou, pelo menos, n'uma boa parte dos templos e mesmo capellas d'ordens monas-



Réveillon de « camelots » na praça Pigalle.

O Natal é, como sabem todos aquelles que têm estudado a evolução das religiões, uma reminiscencia vedica. Todos os annos, os sacerdotes astronomicos celebravam o nascimento do Agnis, que correspondia com o solsticio do inverno — epoca em que o sol recommençava uma vida nova. O fogo no mytho vedico era consubstancial ao sol e por isso as duas ceremonias do nascimento do sol e do fogo se realisavam ao mesmo tempo. Entre os romanos, as confrarias de Baccho, de Mithra, de Venus e de Isis solemnisavam todos os annos, no dia 25 de Dezembro, a natividade de Baccho. Leia-se o curioso *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de A. Rich; *L'Origine de tous les cultes*, de Dupuis; *Études d'histoire religieuse*, de Hochart; *La Science des Religions*, de Burnouf. Na velha Roma imperial passeiava-se em luzido cortejo o deus pequenino Baccho, deitado n'um berço, e os padres de Isis, tonsurados e vestidos de sobrepelizes brancas, levavam aos hombros a imagem de Horus, uma mulher que amamentava o deus-creança. O symbolismo christão apoderou-se até da vacca e do burro da legenda mythica

tas, ha a famosa e tão poetica *Messe de minuit*. Em Saint-Séverin, em Saint-Sulpice, em Saint-Germain des-Prés, em Saint-Thomas-d'Aquin, em Sainte-Clotilde, em Saint-Pierre, em Saint-Eustache, em Saint-Gervais, nas capellas dos Recolletos da rua de Puteaux, em Batignolles, das Benedictinas da rua Monsieur, das Carmelitas da Avenida de Saxe, das Franciscanas, — em todos os bairros, desde o aristocratico *faubourg* ao proletario Ménilmontant, as boas e piedosas almas dos praticantes catholicos não deixam de reunir, ao dar da meia noite, as suas preces ferventes ao canto precioso do *Adeste Fideles* e do *Jesu Redemptor*, que os sacerdotes entôam diante do altar florido da Natividade.

N'algumas d'essas igrejas, a missa do gallo é quasi um acontecimento artistico e mundano, como, por exemplo, em Saint-Eustache e em Saint-Gervais. Ás onze horas é mesmo raro encontrar um logar vago n'estes dois templos. Ora, convem notar que esses logares são disputados a 5, a 10 e a 20 francos como n'um concerto qualquer de Colonne e de Lamoureux. Todos acodem alli para ouvir os trechos de Sebastião Bach, de Haydn, de Pa

estrina, de Vittoria, d'Allegri, e raras são as almas simples que alli vão, com os lábios tremulos de preces, saudar o bom filho de Deus, sobre as palhinhas de fios de prata d'um presepio rico, obra dos melhores estabelecimentos do bairro de Saint-Sulpice, entre Reis-Magos artisticamente esculpidos e uma Estrella dos Pastores, no alto, illuminada por um bico Auer ou por acetylene.

E ainda quando se executa no côro a divina musica de Orlando e de Josquin De Près, podemos dar o nosso dinheiro por muito bem empregado.

Mas o peor é que os tenores, os barytonos e os baixos

pelo santo Frei Léonard e acompanhada a orgão! E que publico admiravel! Quasi tudo, pobresinhos, figuras humildes de crentes, os olhos inundados de lagrimas, os lábios tremulos d'emoção, entoando, como pôdem e como sabem, as antiphonas, as ladainhas e os canticos que se harmonisam, no alto do côro, aos accents da musica sacra. E no silencio da nossa imaginação, evocamos as figuras, todas ellas alma e luz, dos quadros de Fra Angelico, de Memmling e de Van der Weyden dos museus de Florença e dos museus flamengos, essas figuras translucidas de mysticos, que liam São João da Cruz, São Boaventura, Santa Thereza ou esse Ruysbroeck, o



Réveillon n'um atelier de Montmartre.

profundos dos templos *chics*, em vez das mysticas evocações melodicar, cantam hoje Massenet e Gounod, Dubois e Mascagni, transformando as egrejas em succursaes da Opera-Comica, — um sacrilego sabbat mundano!

Para os que não se delicias nem com a musica sacra, a mystica pura de Palestrina, nem com o cabotinismo dos laureados do Conservatorio, ha o recurso das *messes de minuit*, tão profundamente poeticas e tão encantadoras, das capellas monasticas. Oh! a linda e ingenua missa do gallo das Benedictinas da rua Monsieur e a simples e encantadora festa da Natividade na elegante capellinha dos Récollets da rua de Puteaux, officia

Admiravel, que conhecemos pelas traducções de Hello e de Maeterlink. Oh! almas depravadas do nosso tempo, frequentadores assiduos dos gabinetes reservados do *Rat-Mort* ou do *Americano!* como estamos bem longe d'esses adoradores da Espiritualidade e d'esses predeterminados da Bemaventurança!

Filhos d'um seculo arido de Negação, marchamos para um seculo glorioso de sciencia. Só as brancas almas dos crentes, penetradas pelo luar da Graça, ficam errantes na noite, naufragadas na treva, em demanda do céu vazio de deuses.....

XAVIER DE CARVALHO.

Pariz, Dezembro 1897.



AMOR FATAL

PANTOMIMA PELOS SRS. J. P. ELHEM E A. DA CUNHA

REPRESENTADA POR SÉVERIN.



I

*Cantando a serenata, em soluçantes threnos,
Sob o balcão em flôr de Colombina bella,
O pobre Pierrot lamenta o amor tão caro
Que lhe veda transpôr a porta... ou a janella.*



VI

*Qual feroz obsessão á sua idéa presa,
O persegue do morto o duro olhar vidrado,
Da bella quer cuidar, sua lembrança invoca,
Mas só vê ante si o vulto assassinado.*



IV

*Só, pensa Pierrot na impunidade certa:
Ninguém a commetter o crime horrendo o via...
Mas a consciencia falla, e Pierrot, fremente,
Em convulsivo esgar, amedrontado, ria.*



VII

*E Pierrot soluça, e Pierrot lastima
(Maldizendo a odiosa e amada creatura)
Que assassino e ladrão por ella se haja feito,
E succumbe de dôr ao peso da amargura.*



II

*Pois a bella lhe exige, em vez de amor sincero,
O scintillante brilho e o tilintar do oiro,
E doidamente, a rir, lhe impõe atroz martyrio,
Desfazendo, faceira, o seu cabelo loiro.*



V

*Verteu-lhe n'alma o fel do mais cruel remorso
O crime commettido, o oiro tincto em sangue;
Fugiu-lhe toda a esp'rança, o sonho dissipou-se,
E de susto, a tremer, Pierrot ficára ecangue.*



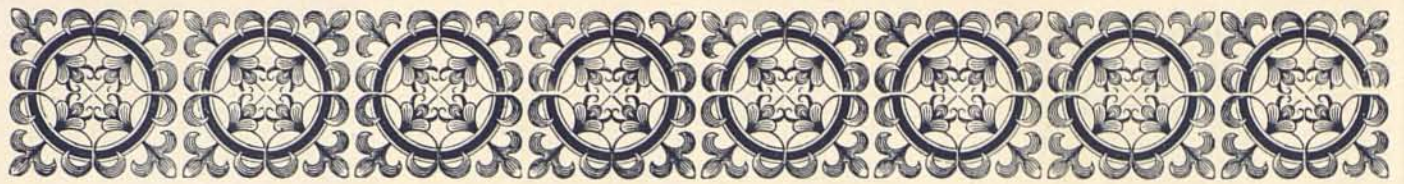
VIII

*Noite e dia, constante, o morto é junto d'elle;
No boudoir silencioso ou no rumor da sala,
Interrompendo a dansa ou reprimindo o riso,
Tem por nome — remorso — o espectro que o avassalla.*



III

*Olvidando o dever e desprezando a honra,
Escravisado ao Amor, tyranno obedecido,
Assassina Pierrot o transeunte inerte,
Que a vida e a bolsa dá, na lucta já vencido.*



O Milagre de Parun Baqhat



HOUVE na India um homem que fôra primeiro ministro de um dos estados semi-independentes do noroeste. Era um brahmina, e de tão alta casta, que esta palavra deixava para elle de ter uma significação especial. Crescendo em annos, comprehendeu Purun Dass que a antiga ordem de cousas soffria uma mudança e que quem desejasse a prosperidade, devia entreter boas relações com os inglezes; ao mesmo tempo, um funcionario precisava conservar o favor e a protecção de seu soberano. O pacato, silencioso e joven brahmina, auxiliado por uma boa educação na universidade de Bombaim, procedeu com calma, e chegou, passo a passo, á posição de primeiro ministro do reino. Isto quer dizer que tinha mais poder, realmente, do que o seu soberano, o Maharajah.

Quando o velho rei, que receiava os inglezes, as suas estradas de ferro, o seu telegrapho, veio a morrer. Purun Dass se achava em boas relações com o seu joven successor, que havia sido educado por um inglez; e de mutuo accordo, comquanto Purun Dass tivesse o cuidado de attribuir todas as decisões a seu soberano, estabeleceram escolas para meninas, fizeram estradas, e installaram armazens e exposições de utensilios agricolas, publicando annualmente relatorios sobre « O progresso moral e material do Estado. » A secretaria de Estrangeiros da Inglaterra e o Governo da India mostravam-se radiantes de satisfação. Muito poucos Estados adoptam o progresso inglez sem restricções, porquanto não acreditam, como Purun Dass acreditava, que é duplamente bom para o asiatico o que é bom para o inglez. O primeiro ministro tornou-se o amigo apreciado de vice-reis e governadores e vice-governadores, dos missionarios, e dos officiaes da cavallaria ingleza, que vinham caçar nos dominios reservados do Estado, e da horda de *touristas* que atravessa a India na estação fria. Estabeleceu elle pensões em favor de rapazes pobres desejosos de estudar medecina e manufacturas, segundo os methodos inglezes, e, de tempos a tempos, escrevia cartas ao *Pioneer*, o maior jornal diario da India, explicando as aspirações e os fins de seu soberano.

Por fim, visitou a Inglaterra e, a titulo de dom pro-

piciatorio capaz de o desculpar dessa visita, pagou enormes sommas aos sacerdotes, quando regressou a seu paiz. Em Londres contrahiui relações com todos os que se salientavam pelo nome ou pela gloria; recebeu varios titulos honorarios de universidades e de sociedades sabias; discursou sobre a India deante de senhoras decotadas, e tudo isso fez por tal modo, que Londres inteiro exclamou: « É o homem mais fascinador que temos visto! »

Quando voltou á India, resplandecia de gloria, e o vice-rei em pessoa lhe fez visita especial, a fim de conferir-lhe a gran-cruz da Estrella da India, toda de diamantes, fitas e esmaltes; e na mesma cerimonia, emquanto trovejava o canhão, foi concedida a Purun Dass a dignidade de cavalleiro commendador da ordem do Imperio Indiano. Desde então acompanharam seu nome as iniciaes: K. C. I. E., e conhecido ficou por *Sir Purun Dass*.

N'aquella tarde, ao jantar na espaçosa tenda do vice-rei, elle levava as insignias e o collar da ordem ao peito; e, respondendo ao brinde em honra ao seu soberano, fez um discurso, na eloquencia do qual poucos inglezes o excederiam.

No mez seguinte, quando a cidade voltára á sua natural quietação, elle praticou o que nenhum inglez pensaria jamais fazer, isto é, morreu inteiramente para o mundo. Restituiu as insignias que recebera ao governo indiano, e um novo primeiro ministro foi escolhido. Só os iniciados na cousas religiosas da India souberam do que acontecera; o povo adivinhou, talvez. A India é o unico paiz do mundo em que um homem pôde fazer o que lhe apraz, sem que ninguem indague o motivo; e o facto de resignar Parun Dass á sua elevada posição, ao palacio, ao poder e de tomar a escudella de mendigo, a vestimenta amarella de um sunniagasi ou homem santo, não foi considerado extraordinario. Elle tinha sido, como recommenda a Velha Lei, vinte annos moço, vinte annos combatente, posto que jamais houvesse pegado em armas, e vinte annos pae de familia.

Havia empregado a fortuna e o poder como entendia deverem ser empregados; e acceitára as honras quando offerecidas; tinha visto homens e cidades, perto e longe, e os homens e as cidades o tinham honrado. Agora elle abandonava tudo, como faz um individuo que deixa cahir o manto de que não mais precisa...

Atrás d'elle, emquanto transpunha as portas da cidade,

com uma pelle de antilope ás costas e uma muleta sob o braço, e a escudella de polido coco de mar na mão, descalço, só, com os olhos fitos no chão; atrás d'elle, festejavam os bastiões a exaltação de seu feliz successor. Purun Dass inclinou a cabeça. Toda aquella existencia estava finda para elle; e d'ella não levava saudade nem lembrança. Elle era um sunniagasi, sem domicilio, errante mendigo, dependendo do proximo para o pão de cada dia; e emquanto houver na India um pedaço de pão a dividir, não morre de fome o sacerdote nem o mendicante. Elle jamais comera carne, e muito raramente provára peixe. Um bilhete de cinco libras teria satisfeito a todas as suas despezas pessoas em relação ao alimento, durante qualquer dos muitos annos em que elle fôra senhor absoluto de milhões. Mesmo quando em Londres triumphára, acariciava Purun Dass um sonho de paz e de quietação, e via a longa, branca, poeirenta estrada da India, sempre palmilhada pela sandalia do peregrino, e sentia a acre fumaça que subia, em rolos, de baixo das figueiras, á hora do crepusculo, quando os viajantes accendam o lume e se sentam á roda para o repasto vespertino.

Chegando a hora de viver aquelle sonho, o primeiro ministro partiu.

Á noite era a sua pelle de antilope estendida onde a escuridão o surprehedia; muitas vezes n'um mosteiro de sunniasis á beira do caminho; outras, junto a um pillar feito de lama recosida ao sol, altar de Kala Pir, onde os Jogis, que são uma mysteriosa classe de homens santos, recebiam-no; algumas vezes, tambem, á entrada de uma pequena aldeia hindú; outras nas alturas de nuás pastagens, onde a chamma de seus gravetos accordava os camellos adormecidos. Tudo era indifferente para Purun Dass, mendigo, ou Purun Bhagat, como elle agora se chamava. A terra, a gente, a alimentação, nada tinha importancia para elle. Inconscientemente, seus pés o conduziam para norte ou para léste; do sul até Rohtak; de Rohtak até Kurnool; de Kurnool até Samanah em ruínas; e então, subindo o rio ao longo do leito secco do Gugger, o qual só se enche quando as chuvas cáem nas montanhas, viu Preram ao longe, nas linhas do grande Himalaya.

Sorriu, pois se lembrou de sua mãe que era de nascimento Rajput Brahmina, e do caminho de Kulu, uma mulher das montanhas, sempre saudosa das neves; e elle reconhecia que a menor gotta de sangue montanhês attráe o homem ás alturas. — Lá, disse Purun Bhagat, voltando-se para as rampas de Semaliks, onde os cactos se erguiam como candelabros de sete ramos; lá eu permanecerei e conhecerei a sabedoria.

E o frio vento dos Himalayas sibilava aos seus ouvidos, quando elle tomou o caminho que conduz a Simla.

Á ultima vez que por alli passára, fôra em grande pompa, com uma escolta de resoante cavallaria, a fim de visitar o mais gentil e mais affavel dos vice-reis; e os dois haviam conversado durante uma hora a respeito de mutuos amigos de Londres, e sobre o que pensava o

povo indiano em relação ás cousas. D'esta vez, Purun Bhagat não pagava visitas, mas, inclinado sobre o para-peito do passeio, observava a bella vista das planicies estendidas lá abaixo, n'um espaço de quarenta milhas, quando um policial mahometano veio dizer-lhe que elle obstruia o trafego; e Purun Bhagat cumprimentou reverentemente a Lei, porque conhecia o seu valor, e procurava justamente a lei para si proprio. Então se retirou, e n'aquella noite dormiu em uma cabana vazia em Chota Simla, que parecia ser nos limites do mundo; mas na realidade era alli que elle encetava a sua jornada verdadeira. Seguiu a estrada do Himalaya ao Thibet, pequeno caminho de dez pés de largura aberto em



solida rocha ou sustido por vigas estendidas sobre abysmos profundos; ora, immergindo em valles fechados, quentes e humidos, ora subindo a collinas despidas ou relvosas, onde o sol bate como em vidro ardente; ora, atravessando gottejantes e escuras florestas, onde as avencas vestem de cima até abaixo os troncos, e os faisões, em arrulhados pios, chamam as suas companheiras.

E elle encontrava pastores do Thibet seguidos de cães e de rebanhos, cada carneiro trazendo preso ás costas um pequeno sacco de borax, e Lamas do Thibet, vindo em peregrinação á India; ou enviados de pequenos e solitarios Estados da montanha, correndo doidamente em pampas e annellados poneys. Ou, ainda, a cavalgada de um Rajah que retribuia uma visita, ou, então, durante um longo e claro dia, nada mais via do que um urso preto, grunhindo e de cabeça baixa, atravessar o valle.

Quando começára a sua jornada, o rumor do mundo que elle deixava, ainda soava aos seus ouvidos, como, em caminho de ferro, um tunnel ainda resôa depois de o havermos atravessado; mas quando atrás de si abandonou o desfiladeiro de Mutteenee, tudo estava acabado, e Purun Bhagat se viu só, comsigo mesmo, errante, admirando e pensando, de olhos baixos, e pensamentos no céu.

Uma tarde atravessou a mais alta passagem da montanha que ainda encontrára, e na subida da qual empregára dois dias. Viu, então, uma linha de cimos nevados cercando o horizonte, montanhas altíssimas que lhe pareciam proximas, a tiro de pedra e que no emtanto estavam remotas. A passagem era aberta por entre densa e escura floresta: deodoras, nogueiras, cerejeiras selvagens, oliveiras alpestres e pereiras bravias, mas principalmente deodoras, que são os cedros do Himalaya. E á sombra d'elles se via um altar deserto da densa Kali, que é Durga, que é Sitada, e que é muitas vezes venerada contra a variola.

Purun Dass varreu o sólo de pedra, sorriu á carranca da estatua, fez um pequeno logar para o fogo atrás do altar, estendeu a pelle de antilope sobre um leito de agulhas de pinheiro e collocando seu *bairagi* — a sua pequena muleta de cabo de latão — sob a axilla, sentou-se para repousar.

Logo abaixo d'elle a vertente tombava até uma pequena aldeia de casas de pedra, de tectos de terra batida, levemente inclinados. Ao redor, diminutos campos em terraço feitos como aventaes de retalhos nos joelhos da montanha; e vacas, que de longe não pareciam maiores do que insectos, pastavam entre as cercas.

Olhando atravez do valle, a vista se illudia no tamanho das cousas, e não podia a começo perceber como o que parecia pequeno arbusto no flanco opposto da montanha, era na verdade uma floresta de pinheiros gigantes.

Purun Bhagat viu uma aguia que lançava o seu vôo atravez do immenso abysmo, mas a ave diminuira ás proporções de um ponto, antes de ter chegado a meio caminho.

Alguns bandos de nuvens esparsas, em fileira, subiam e desciam ao valle, presas ao hombro da montanha « E alli eu acharei a paz » disse Purun Bhagat.

Para um homem das montanhas pouco importam algumas centenas de pés acima ou abaixo... E como os aldeões viram fumaça a subir do altar deserto, o Lama da aldeia galgou a encosta, a fim de dar as boas vindas ao estrangeiro.

Quando contemplou o olhar de Purun Bhagat, olhar de um homem habituado a governar homens, elle se inclinou até o solo, tomou a escudella sem proferir uma palavra, e, voltando á aldeia, disse: « Temos finalmente um santo! Nunca vi um homem assim. Elle é das planicies, mas não é muito moreno; é o Brahmina dos Brahminas ». Então todas as mulheres da aldeia perguntaram: « E julga que elle não se irá embora e ficará morando na montanha? » E cada qual procurava cozinhar o mais saboroso alimento para o Bhagat. A comida das montanhas é simples; com farinha e milho, arroz e pimenta rubra, mel das estreitas colmeias construidas nas paredes de pedra, damascos seccos e assafrão, ginjas agrestes e ho-

los de aveia, fazem-se cousas muito boas; e foi uma escudella cheia que o sacerdote levou ao Bhagat. Ia elle ficar? indagou o Lama. Precisava de um discipulo que pedisse esmola para elle? Tinha um cobertor que o abrigasse do frio? Era boa a comida?

Purun Bhagat comeu, agradecendo ao offerante. Era seu intento ficar. Isso era sufficiente, declarou o Lama, pedindo ao mendigo que deixasse a sua escudella todos os dias fóra do nicho do oratorio, na cavidade formada por duas raizes tortas, e, diariamente, seria alimentado, pois a aldeia se sentia honrada que um homem assim — e elle olhava timidamente para o rosto do Bhagat — ficasse entre elles.

N'aquelle dia, findou a jornada de Purun Bhagat. Elle chegára ao logar desejado, onde havia espaço e silencio. Depois d'isso, parou, sentando-se á entrada do altar. Quem o visse não podia dizer se estava vivo ou morto. Já não era um homem com o governo de seus membros, mas sim uma parte das montanhas sob o vae-vem das nuvens, exposto á intermittencia do sol e da chuva. Elle repetia suavemente um nome a si mesmo, repetia-o cem vezes cem, até que, a cada repetição, parecia se afastar mais a mais do seu proprio corpo, sahindo fóra das « portas » do seu ser; mas justamente ao abrir-se « a porta », seu corpo o arrastava á vida, com tristeza sua, e elle reconhecia estar preso á carne e aos ossos de Purun Bhagat.

Todas as manhãs era a escudella collocada silenciosamente na cavidade das raizes, á beira do altar. Algumas vezes o Lama a trazia; outras, um mercante Ladakhi, que se alojára na aldeia, ancioso de obter algum merito, subia fatigantemente a encosta; porém, o mais das vezes, era a mulher que na vespera cozinhára a sua refeição e que murmurava, em voz muito baixa: « Peça por mim aos deuses, Bhagat. Peça por X, por Y... » Ás vezes, algum menino mais ousado queria ter aquella honra, e Purun Bhagat o ouvia collocar a escudella e, receioso de enfrontor o Santo, correr tão depressa quanto lhe permittiam as suas pequenas pernas; mas o Bhagat não descia jamais á aldeia, estendida qual um mappa a seus pés.

Elle podia vêr os ajuntamentos vespertinos no terreiro, á roda do qual havia as casas da aldeia, porque era alli o unico ponto nivellado; podia vêr o admiravel verde do arroz novo, o azul annillado do milho; e o trigo, e, n'aquelle estação, a flôr rubra do amarantho, cujas diminutas sementes, não sendo grãos nem legumes, formam um alimento que pôde, sem peccado, ser comido pelos indianos na epocha dos jejuns.

Na populosa India é tão forte a vida vegetal, que as plantas se enroscarão, como lianas, ás pernas do homem que se conservar sentado um dia inteiro; e n'esse labyrintho muito depressa os bichos selvagens que conheciam o altar da deusa Kali, vieram espiar o intruso. Os *langurs*, grandes e barbados macacos do Himalaya, foram, naturalmente, os primeiros, pois são cheios de curiosidade; e depois de terem virado a escudella, e rolado no sólo, e experimentado os dentes na muleta de latão, e feito caretas á pelle de antilope, decidiram que o ser humano alli sentado tão tranquillamente era

decerto inoffensivo. Ao cair da tarde, pularam dos pinheiros, e pediram com as mãos alguma cousa a comer, balançando-se em curvas graciosas. Gostavam do calor do fogo também, e juntavam-se ao redor d'elle, até que Purun Bhagat os empurrava para o lado, a fim de pôr mais lenha; e pela manhã, quasi sempre, elle encontrava um peludo macaco partilhando a sua coberta. Durante todo o dia, alimarias de uma ou outra especie ficavam a seu lado, olhando para a neve, com um ar de indizível tristeza e sabedoria.

Depois dos macacos, veio um *barasingh*, que é um grande veado como o nosso vermelho, porém mais forte. Elle queria esfregar o velludo de seus chifres contra as pedras frias da

estatua de Kali, e batia suas patas, quando viu o homem junto ao altar. Mas Purun Bhagat não se movia, e, pouco a pouco, o real cervo, achegando-se, cheirou os hombros do extranho. Purun Bhagat passou levemente a mão fria sobre os quentes chifres do veado, e esse contacto acalmou o animal irritado, que curvou a cabeça. Depois, o *barasingh* trouxe a veada e o veadinho, bichos mansos que vinham deitar no cobertor do mendigo; ou vinha então o cervo, só, á noite, com os seus olhos que pareciam verdes ao reflexo do fogo, tomar a sua parte de nozes frescas. Por fim, o veado-musgo veio também, com as suas grandes orelhas de coelho, em pé; mesmo o pintado e silencioso *mushick-nabha* quiz descobrir o que significava a luz no altar. O asceta chamava a todos « meus irmãos »; e seu baixo appello « Bhai! Bhai! » tirava-os da floresta em pleno dia, se elles se achavam em distancia de o ouvir.

O urso negro do Himalaya, desconfiado, o Sona, que tem uma marca branca debaixo do focinho, em forma de V, passou por lá mais de uma vez; e desde que Bhagat não manifestou receio, Sona não revelou irritação, mas observou-o e chegou mais perto, pedindo uma parte de caricias e um pouco de pão ou de fructos selvagens. Muitas vezes nas silentes madrugadas, quando o Bhagat subia aos mais altos cimos da alcantilada passagem, afim de observar o dia roseo que despontava ao longo dos cimos nevados, achava Sona grunhindo e arrastando as patas a seus pés, enfiando a curiosa pata debaixo de troncos cahidos, e retirando-a com um *uff* de impaciencia; ou seus matutinos passos accordavam Sona onde elle se tinha encolhido para dormir. O grande animal, levantava-se, irado, até que ouvia a voz do Bhagat e reconhecia o seu melhor amigo.

Quasi todos os ermitas e homens santos que vivem á parte das grandes cidades, têm a reputação de praticarem milagres com os animaes selvagens, mas todos esses milagres consistem na demorada immobildade, em nunca fazer um movimento rapido, e por muito tempo, emfim, em nunca fitar directamente o visitante. Os



aldeões viram o vulto do *barasingh* passando como uma sombra atravez da floresta escura, atrás do altar; viram o *minaul*, o faisão do Himalaya, brilhando em suas mais bellas côres deante da estatua de Kali; e os *langurs* acorados, dentro, a brincar com as cascas de nozes. Algumas creanças também tinham ouvido Sona cantar, á maneira dos ursos, atrás dos rochedos derrubados, e a reputação de Bhagat como santo milagroso ficou firmada.

Entretanto, nada estava mais longe de seu pensamento do que fazer milagres.

Seus intensos cabellos cahiam-lhe sobre os hombros. A lage de pedra, ao lado da pelle de antilope, estava deprimida em uma pequena cavidade pela ponta de sua muleta, e o logar, entre os troncos das arvores, onde a escudella ficava todos os dias, baixára, formando uma cova lisa; e cada animal conhecia o sua collocação junto ao fogo.

Os campos mudavam suas côres com as estações; as eiras se enchiam e se esvaziavam, para de novo se encherem; e novamente, quando o inverno voltou, os *langurs* pularam entre os ramos cobertos de neve, até que a macaca-mãe trouxe seus pequenos *bébés* de olhar triste, lá dos valles mais quentes, com o apparecimento da primavera. Poucas modificações se davam na aldeia. O sacerdote estava mais velho, e muitas das creanças que outrora costumavam trazer a comida ao ermitão, enviavam, agora homens, seus filhos; e quando se perguntava aos aldeões desde quando vivia o santo no altar de Kali, no alto do desfiladeiro, elles respondiam:

« Desde sempre. »

Então vieram chuvas de verão como nunca tinham sido conhecidas nas montanhas desde muitas estações. Durante tres mezes o valle ficou envolto em nuvens e gottejante nevoeiro, e mal findava uma trovoadade, logo estalava outra. O altar de Kali estava sobre as nuvens, e houve um mez inteiro durante o qual Bhagat não logrou vêr a sua aldeia.

Elle se achava collocado sobre um branco soalho de nuvens que se mexia e balançava, enrolando-se sobre si

mesmas, não se separando de seus alicerces, que eram as correntes que formavam os flancos do valle.

Todo aquelle tempo elle não ouviu senão o som de um milhão de águas, em cima de sua cabeça, cahindo das arvores, sob seus pés ao longo do sólo, coando-se atravez das agulhas de pinheiros, gottejando das folhas das avencas, jorrando em novos canaes lamacentos formados nas rampas. Então o sol brilhou, e sentiu-se ao longe o bom cheiro dos rhododendros e dos deodaras, o longinquo perfume que a gente das montanhas chama « o cheiro das neves. »

O quente luzir do sol durou uma semana, mas as chuvas voltaram n'uma derradeira quéda, e a agua cahiu em lençóes sobre o sólo reduzido a lama preta.

Purun Bhagat preparou seu fogo áquella noite, pois estava certo de que seus irmãos teriam necessidade de calor; mas nem um só animal subiu até o altar, comquanto elle os chamasse repetidas vezes, até cahir a dormir, admirado do que acontecia na floresta.

Era no negro coração da noite, a chuva cahia fortemente. Quem puxava a sua coberta? Estendendo a mão, encontrou a pequena pata de um *langur*. « É melhor aqui do que nas arvores, disse o ermitão somnolentemente, e, dando-lhe a ponta da coberta : aquece-te aqui, irmão. » O macaco agarrou-se á sua mão. « É comida que tu queres? interrogou Purun Bhagat. Espera um pouco; vou preparar-te qualquer cousa. »

Como elle se ajoelhava para lançar lenha ao fogo, o *langur* correu á porta do altar, gritou e correu outra vez, segurando-se ao joelho do ermita.

« Que ha? Porque estás tão perturbado, irmão? » disse Purun Bhagat, pois os olhos do *langur* estavam reflectindo cousas que elle não poderia dizer. « Só se um de tua casta cahiu em uma armadilha, mas ninguem as arma aqui, e eu não posso sahir com este tempo. Olha, irmão, até o *barasingh* vem pedir agazalho. »

Com effeito, os cornos do veado batiam contra a estatua de Kali. Elle baixou-os na direcção de Purun Bhagat, agitando as patas, inquieto.

« Ah! ah! disse o asceta, fazendo estalar os dedos. É isso o pagamento de uma hospitalidade nocturna? »

Mas o cervo o empurrava para a porta, e como Purun Bhagat ouvia o som de qualquer cousa, qual um suspiro, notou que duas lages do sólo se separavam, emquanto a terra pegajosa estalava em baixo.

— Agora eu vejo, disse Purun Bhagat. Não ha que censurar a meus irmãos por não se terem sentado junto ao fogo esta noite. A montanha está a cahir. E, entretanto, porque iria eu embora? » Seu olhar pousou sobre a escudella vazia, e sua physionomia mudou. « Elles me deram boa alimentação desde que aqui cheguei, e se eu não fôr

apressado, amanhã não haverá uma só vida no valle. Realmente, devo ir avisal-os lá em baixo. Para traz, irmão! »

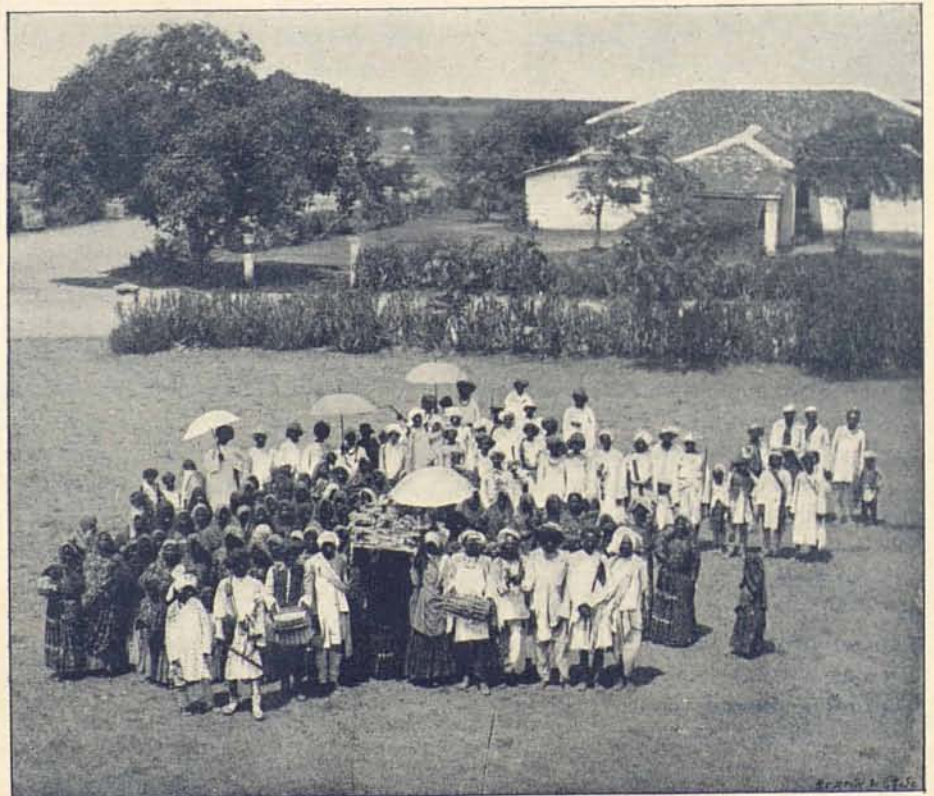
O *barasingh* recuou contra a vontade, emquanto Purun Bhagat introduzia um archote na chamma até ficar bem acceso. « E vós vindes avisar-me, disse elle, erguendo-se. Eu farei mais do que fizestes. Agora, empresta-me o teu pescoço, irmão, pois que só tenho dois pés. »

Agarrou-se ao flanco arripiado do veado com a mão direita, e com a esquerda segurou a tocha e sahiu do altar, entrando na negra e tenebrosa noite.

O vento não respirava, mas a chuva quasi affogava o archote, emquanto o grande cervo se apressava em descer a collina, deixando-se escorregar nas ancas. Assim que estiveram fóra da floresta, outros irmãos do Bhagat se vieram juntar ao primeiro. Elle ouviu, sem que visse, o *langur* a seu lado, e atrás d'elle o *uhh uhh* do urso amigo. A chuva torcia, enrolando-os, os seus longos e brancos cabellos; a agua borbuhava debaixo de seus pés nus, e sua vestimenta amarella se agarrava a seu fragil e velho corpo; elle, porém, descia com firmeza, encostado ao *barasingh*. Não era mais o homem santo, mas Sir Purun Dass, K. C. I. E., primeiro ministro de não pequeno Estado, um homem habituado a mandar, que ia salvar vidas de homens.

Estavam agora no começo de uma torta rua da aldeia. O Bhagat bateu com a sua muleta nas janellas trancadas da casa do ferreiro, emquanto resguardava o archote, sob o telhado, das aguas da chuva. — « Levantem-se e saiam! » gritava Purun Bhagat; e elle não reconhecia sua propria voz, pois havia annos que não fallára em voz alta a um homem. « A montanha está cahindo! Levantem-se e saiam! »

— É o nosso Bhagat, disse a mulher do ferreiro. Elle está rodeado de seus animaes. Juntemos as creanças e demos o grito de alarma.



Isto correu de casa em casa, enquanto os macacos, apertados no estreito caminho, mexiam-se em redor de Bhagat, e Sona bufava, impaciente.

O povo acudiu apressadamente ao appello. Eram ao todo setenta almas, e, á luz de suas tochas, viram que o ermitão segurava o amedrontado *barasingh*, e que os macacos lhe puxavam, atemorizados, a roupa, e Sona, sentado, roncava.

« Corram atravez do valle e subam a montanha em frente! gritou Purun. Não deixem ninguem atrás. Eu seguirei a todos. »

Então a população correu, como sómente corre a gente da montanha, pois sabiam elles que em um desmoronamento se deve subir ao mais alto ponto do lado opposto do valle. Fugiram, mergulhando n'agua as pernas nuas, atravez do pequeno rio, até o fundo do valle; o Bhagat e seus irmãos vagarosamente seguiam.

Subindo a montanha opposta, chamavam-se pelos nomes. Atrás, o grande *barasingh* auxiliava as forças desfallecidas de Purun Bhagat.

Por fim o cervo parou á sombra de profundo bosque de pinheiros, a quinhentos pés acima da encosta. Seu instincto, que tinha feito avisar a catastrophe, lhe revelava a segurança d'aquelle ponto.

Purun Bhagat cahiu desmaiado ao lado de seu companheiro, pois o frio da noite e aquella forçada ascensão o iam matando; mas primeiramente chamou os archotes espalhados e disse « Contem-se; estão ahi todos? » e, murmurando ao veado, depois que viu as luzes reunidas: « Fica commigo, irmão; fica. Eu.. vou partir... »

No ar ouviu-se um ligeiro suspirar que cresceu até o murmúrio, e o murmúrio augmentou até o ruido, e o ruido tomou os proporções de um barulho intenso, superior á analyse dos sentidos; e a collina em que se tinham abrigado os habitantes da aldeia, foi alcançada por uma pancada enorme, na escuridão, e balançou... Então um som continuo, profundo, tão profundo como o C dos órgãos, abafou todas as cousas durante talvez cinco minutos, enquanto as raizes dos pinheiros tremiam. O som morreu ao longe, e começou-se a ouvir o rumor da chuva cahindo em terra molle.

Nenhum aldeão, nem mesmo o sacerdote foi bastante ousado para fallar a Bhagat, que os havia salvo. Elles se agacharam sob os pinheiros e esperaram o dia. Quando a luz matutina despontou, olharam atravez do valle; o que havia sido floresta, campos, terreiros e pastos, tudo estava transformado em uma lama vermelha, e n'esse lodaçal as arvores mostravam para o ar as suas raizes. Essa lama rubra tinha chegado até a collina de refugio, forçando para traz o pequeno rio, que começava a espalhar-se, formando um lago côr de tijollo. E da aldeia, do caminho que conduzia ao altar, do proprio altar e da floresta que atraz d'elle se ostentava, não havia traço. Na largura de uma milha e até a profundidade de dois mil pés, o lado da montanha tinha inteiramente cahido, aplainando-se esse espaço...

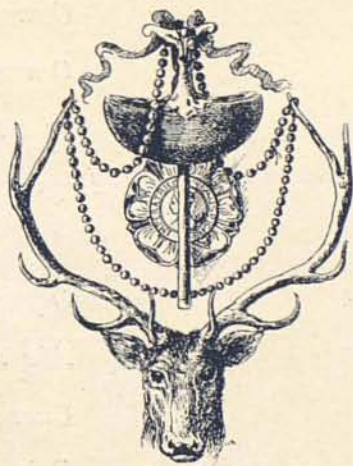
E os aldeões um por um, vagarosos, atravessaram o bosque para orar em frente ao Bhagat. Viram o *barasingh* em pé, que fugiu quando elles se aproximaram, e ouviram os *langurs* que se lamentavam nos ramos, e Sona que gemia em cima da montanha; mas o Bhagat estava morto, sentado, com as pernas encruzadas, com o dorso apoiado a uma arvore, a muleta sob a axilla, a face voltada para o nordéste.

O sacerdote disse, então: « Vejam o milagre depois de um milagre, pois é n'esta mesma attitude que todo o sunniasis deve ser sepultado! Onde elle agora está, nós construiremos um templo em memoria do nosso santo! »

Edificaram o templo antes que um anno tivesse decorrido: foi um altar pequeno feito de pedra e argilla; e deram áquella montanha o nome de « Montanha do Bhagat », e ahi o veneram ainda hoje com luzes, flôres e offerendas.

Mas não souberam nunca que o santo de seu culto era o fallecido sir Purun Dass, Cavalleiro gran-cruz do Imperio da India, Doutor em Direito e philosopho laureado, antigo primeiro ministro do prospero e esclarecido Estado de Prohiniwala, socio honorario e membro correspondente de innumeradas sociedades sabias e scientificas, nenhuma das quaes foi jamais capaz de praticar o bem que fez o Mendigo Santo.

RUDYARD KIPLING.





NOITE DE INVERNO

*Noite de inverno desolada.
A gente deixa o campo e a vinha,
E nos casaes, longe da estrada,
Toda em redor do lar se apinha,
Para a região abençoada,
Do sul, fugiu a ultima andorinha.*

*O frio lugubre se entranha
Pela floresta que tiritita;
O vento, com guerreira sanha,
As nuas arvores agita;
E a neve põe sobre a montanha
O seu branco burel de carmelita.*

*Fóra, escondidas sob as telhas,
Calam-se as rôlas amorosas;
No amplo redil, cabras e ovelhas*

*Tremem, achegam-se, medrosas;
Nos troncos dormem as abelhas,
Por que mel já não ha nas mortas rosas.*

*Céu torvo e gris? Gelo inclemente?
Tufão que mesmo as pedras corta?...
Como e tranquillo, intimo, quente,
O nosso ninho! E, pois, que importa,
Se a tempestade inutilmente
Ruge, e bate á janella, e bate á porta?*

*O ponderoso reposteiro
Abafa-lhe o clamor agudo;
Ouvem-se apenas do ronceiro
Relogio as pulsações, e o miudo,
Fino estalido do brazeiro...
Que ambiente de sonho envolve tudo!*

*Deixando lans, crivo, bordado,
De caridade obras discretas,
Que apuras com gentil cuidado,
Na paz das longas horas quietas,
Vens, e retomas a meu lado
Nossas bellas leituras predilectas.*

*Teu braço nos meus hombros posto,
Em gesto de carinhos cheio,
Tu lês com puro e ingenuo gosto
A mesma página que eu leio;
Sinto o teu bafo no meu rosto;
Sinto o arfar vagaroso do teu seio.*

*Sob o chapéu de verde tela,
Que a claridade lhe mitiga,
Todo o serão junto a nós vela
A lampada bojuda e antiga;
Nós já gostamos tanto d'ella,
Com o seu ar bonachão de velha amiga!*

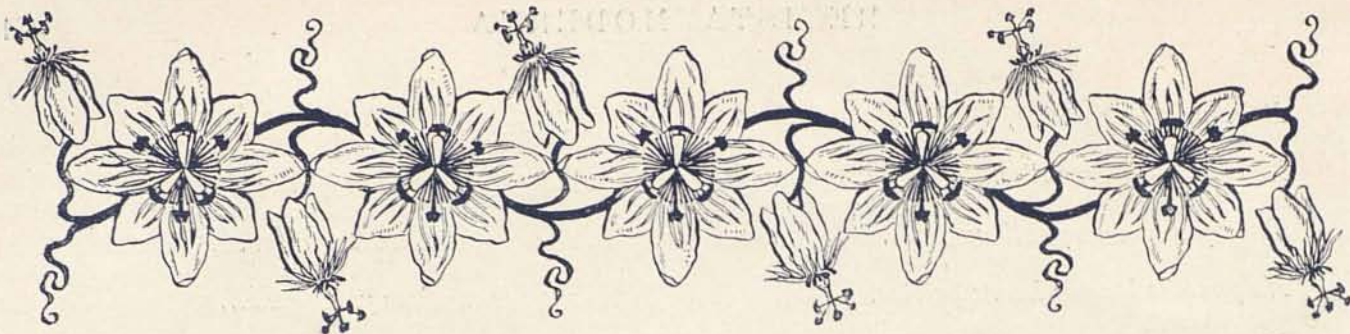
*Vê que mirificas gravuras,
As d'este livro de viagens;
Rios caudaes, mattas escuras,
Luxo de exoticas paizagens...
Nem faltam graves aventuras,
Caças de leões, batalhas com selvagens!*

*E e moço o Príncipe das feras!
Vinte annos conta. Ora, aos vinte annos,
Tornar-se mestre de pantheras,
E educador de quadrumanos?
Esperdiçadas primaveras!
E negarão que os homens são insanos?*

*Ante esse desvairado heroismo,
Que affronta o polo, e affronta o Sahara,
Que mede o mais profundo abysmo
Rindo, e que rindo a morte encara,
Tu scismas, bella Amada, e eu scismo :
Ah! como a Vida nos e doce e cara...*

MAGALHÃES DE AZEREDO.





O NATAL DE VOLTAIRE



Centos e vinte annos Pariz inteiro, os poetas e os philosophos, os sabios e os financeiros, os duques e as princezas, faziam a Voltaire a mais estrondosa das ovações.

As memorias do tempo contam, com minucia, que, por uma clara quinta-feira d'Abril, M. de Voltaire, pela primeira vez desde a sua chegada a Pariz, deixando os vagos e amplos roupões favoraveis ás exigencias da doença e da estatuaria, vestiu-se e fez o que se chamava a toilette inteira: Grande casaca vermelha forrada de arminho, immensa cabelleira á Luiz XIV, negra, não empoadada, e tão bástia que o rosto magro, amarello, enrugado, ficava n'ella tão enterrado, que só se lhe viam os dois olhos brilhantes como carbunculos; á mão, uma leve bengala de recurvo castão de ouro, e, sobre a pyramide da cabelleira, no alto e coroando-a, um chapéo de velludo vermelho, quadrado, e franjado de plumas tambem vermelhas. E entrou na sua famosa carruagem pintada de azul celeste, ponteada de estrellas doiradas, que era chamada - o Carro do Empyreo. N'ella foi á Academia Franceza onde se cumpriram, em honra d'aquelle espectro, todos os ritos da adoração academica. Ouvio o elogio de Boileau por d'Alembert e o Abbade Delille, leu fragmentos do seu poema que ensinava « a arte de gozar, pintar e ornar a natureza. »

Da Academia seguiu para a Comedia Franceza onde, ao saltar da sua carruagem estrellada, foi aclamado pelos fidalgos e pelas damas que o esperavam. E, durante a representação, os applausos dados á tragedia que era de Voltaire, retumbaram em explosões de adoração áquelle deus monstruoso, para quem sorriam, beatas, as mulheres mais formosas, como as Egypcias, resplendentes filhas de Pharaós, deante de um horrivel Anubis cynocephalo. E o deus foi para casa, levando pousada sobre a crina encaracolada da negra cabelleira, a corôa de louros que lhe deitou o Principe de Beauveau; e de todo o deslumbramento, levou dentro da cabeça, dizem ainda as memorias do tempo, a resolução de comprar casa em Pariz e de escrever tragedias, muitas tragedias! As tragedias não as escreveu e mesmo aquella ultima casa que a todos aguarda, elle não a teve logo em Pariz, porque o levaram, d'ahi a dias, para ser enterrado nas vizinhanças de Troyes. E quanto ás trage-

dias, eram outras as que a fidalguia, dentro em breve ia ella propria representar contra a sua vontade mas sempre com elegante arrogancia, no tablado da morte.

Todas aquellas cabeças, e muitas, a guilhotina aguardava, julgavam-se bem seguras sobre os hombros elegantes ou não, bellos ou não, mas sempre orgulhosos, que, se se abaixavam deante do Rei do Espirito, se erguiam impacientes e desdenhosos, deante das superstições e das ignorancias do passado.

Os filhos d'aquelle seculo chamado sceptico, eram, na realidade, profundamente crentes e devotos: tinham a crença firme de que estava acabado o christianismo e só reverenciavam aquelle que lhes tinha ensinado a nada mais venerar. E Voltaire tinha a certeza que lhe dava o seu inaudito triumpho parizense, de que a sua philosophia estava definitivamente victoriosa. E os seus vellos ossos gastos, torcidos do tempo, estremeciam de jubilo dentro do amarrotado pergaminho flacido que lhes servia de pelle, quando os seus adoradores, carregando-o, em procissão, largaram-no sobre o throno celebre da sua realeza, aquella lendaria poltrona que é, hoje, para o povo, além do boulevard e do cães chamados Voltaire, tudo quanto recorda aquelle nome que encheu a França e a Europa.

Centos e vinte annos depois, os netos e os bisnetos do voltarianismo não sabiam onde estavam os ossos d'esse vencedor de Deus. E, não a reverencia, mas a simples curiosidade d'aquelles descendentes, levou alguns delles a baixarem á crypta do Pantheon, precedidos de um carpinteiro para despregar e arrancar taboas, na busca do esquecido ou extraviado esqueleto que a Revolução para alli trouxera de Troyes, decerto para que aquelle auctor e amator de tragedias pudesse ver as que se preparavam em Pariz. Voltaire, cortezão de Reis e amigo de Principes, nunca amou os carpinteiros e, de todos elles, aquelle a quem mais odio votou foi um certo que teve, ha vinte seculos, a sua tenda em Nazareth. Um carpinteiro pregou e martellou o seu caixão no seculo passado e outro era agora, trazido aos subterraneos de Santa Genoveva para despregar o que o seu collega, de ha cem annos, tão solidamente pregára. Um e outro não foram amaveis para com Voltaire.

No pó e na escuridão da crypta, Voltaire nada viu nem ouviu deste seculo que ora acaba e cuja aurora elle

queria adivinhar como o começo do seu domínio incontestado e perpetuo. Por algumas horas, esteve aberto o caixão, e o craneo que o Príncipe de Beauveau laurára e que sonhára immorredoura aquella corôa, passou, de mão em mão, entre os assistentes, que o manusearam e voltaram e examinaram com curiosidade e desconfiança, como fazem os frequentadores do Hotel Drouot, quando os serventes do leiloeiro lhes mostram algum marfim supposto antigo, e todo encardido, sempre suspeito de falso, e de artificialmente amarellecido em fraudulento banho d'água de tabaco. Se viram alguma cousa as orbitas sem olhos, se alguma cousa ouviram os ouvidos sem orelhas, por certo muito se admiraram do que viram e do que ouviram.

Em vez das elegantes casacas á Luiz XV, sobre longos colletes bordados a matiz, em vez de sorrisos cortezes nas faces impeccavelmente barbeadas que eram as dos homens que deixára sobre a terra; em vez de expressivas cabeças empoadas, em vez de finas espadas pendentes ao lado de calções de velludo, em vez de meias de sêda e de altos sapatos afivellados d'oiro, o que viu Voltaire, na sombra humida d'aquella adêga nacional onde se guardam glorias?

Não havia entre aquelles inesperados visitantes uma só dama. Que era feito das Parizienses? Nenhuma face gentil, avivada de emoção e de carmin, e com a sua brancura realçada pelas *móscas* de sêda preta; nenhuns olhos accessos pela curiosidade e pelo lapis negro, buscavam com ancia, entusiasmo e devoção, vêr o antigo deus que se estava allí a desencanaixotar, tão sem cerimonia, á luz de uma lanterna, n'uma fria e nevoenta tarde de Dezembro. E a caveira que, outr'ora, tanto sorriu, em resposta a outros sorrisos femininos, teve um certo despeito, vendo que não ia ser acariciada por nenhuns dedos rosados, nem commovidamente sopesada por finas mãos perfumadas. — Já não me admiram, pois, as mulheres? Que estarão ellas fazendo a estas horas? Á força das luzes da instrucção se terão, todas, transformado em sabias, em mathematicas, como a minha querida e massadora amiga Madame du Châtelet? Estarão todas nas bibliothecas, nos laboratorios, ás voltas com os livros, com os compassos e os alambiques?

— E estes senhores... Quaes senhores!! estes alarves de barba inculta, todos vestidos de preto, quadrados dentro destas largas tunicas tão fechadas, tão negras e grossas, e tendo todos, nas cabeças, esses tubos pretos... Quem são elles?... E onde vi eu esses desgraciosos cylindros luzidios? Ah! já me lembra!; vi-os em estampas que, da Russia, me mandou a minha amiga Catharina...; os padres (ó infames!), na Russia, usam d'esses tubos... creio, porém, que os trazem sem ábas... Terá a Russia conquistado a França e estarei eu (ó massada!) enterado n'um mosteiro orthodoxo? Mas... n'este caso, o que aconteceria á monarchia que andou a consolidar o meu amigo Frederico? Os Russos não podiam ter chegado até cá sem passarem por cima d'ella e dos seus pantanos pomeranios que elle chamava Reino... Estimaria, só para vêr a cara do tal Salomão sem mulheres!... Quem será este sujeito que me segura agora pela minha nuca desarticulada, e que está a dizer que me acha parecido com não sei que busto? Os meus bustos foram feitos para se parecerem commigo e não sou eu que tenho de me parecer com elles. Lá vou



eu, ou antes, lá vae a minha cabeça, para as mãos calçadas de luvas sujas, d'aquelle velho todo de preto, que tem ar de chim... Traz porém, o botão vermelho de mandarin ao peito, o ignorante! em vez de o trazer no chapéu, como eu expliquei que é, e deve ser no meu Diccionario Philosophico!... Ai! cá estou! muito mal educada é esta gente! E bem se vê que são estrangeiros!... muito mal fallam! parecem todos de Marselha!... Quanta palavra que não entendo! Offerecem agora a minha cabeça ao exame d'este outro!...

— Merci, monsieur!

— E este, todo velhinho e tremulo! até se parece commigo!... Quasi deita-me ao chão!... Tivesse eu a minha maxilla inferior, que aquelle dezasado deixou lá dentro do caixão, e mordia-lhe o dedo... com os dentes que não tenho!...

— Après vous, Monsieur le Directeur général des Beaux-Arts!...

— Porque será que esta gente, tão feia, vem agora fallar em bellas artes? Tão mal vestidos!...

— Avez-vous vu tous le crâne, Messieurs?

— Uff! Até que enfim largam-me da cabeça!... Muito havia ella de doer n'outros tempos se lhe dessem taes tratos!... Deixam-na agora, sobre esta prateleira, enquanto estão a remexer n'aquelles ossos... Oh! Uma restea de luz!... Vejo por aquella pequena e estreita abertura, á altura desta prateleira, alguma cousa... é a calçada de uma rua! Passa um carro muito grande, muito pesado, que tudo abala... puxado por uns cavallos brancos, muito grandes, do squaes vejo só as pernas... Que é aquillo? Passam rapidos, uns pares de rodas, uma adeante da outra e de que vejo só a me-

tade inferior, e que apparecem, correm, desaparecem, sem que eu veja cavallo nem homem que as puxe... É uma illusão da minha vista... Não ha mais milagres e não será Voltaire quem acreditará que rodas possam andar assim a rodar por Pariz, sem o competente cavallo! Seria contra a razão e a experiencia.

Escutemos, porém, este grupo de homens que está aqui a cochichar, por baixo da minha prateleira :

— un chèque de 50,000 francs...

— Je suis pour les chrétiens contre ces sales juifs!

— Que singular opinião! Mas que tanto estão a fallar de Judeus e de Christãos!... São decerto sujeitos que se occupam de Historia e que discutem a Idade Media!... Quem será este que pelo nome parece Hungaro e de quem tanto fallam?

— Um francez que escreve cartas insultando o exercito da sua patria é um miseravel e um trahidor!

— Isto, agora, é comigo! Mais uma pequena canalhice d'aquelle pedante de Frederico, que decerto publicou uma carta toda particular e de amizade que lhe escrevi, fazendo troça dos soldados francezes que elle se regalou de bater em Rosbach!... Mas que tem isso?...

Na rua :

— Achetez... achetez... le numéro de Noël...

— Noël?... E sempre as taes rodinhas a passarem... Lá vem uma carroça... Parece cheia d'arvores!... ou de ramos como na Borgonha costuma vir enfeitado o carro que traz as ultimas cêstas da vindima!... Mas não!... Parecem pinheiros!... e tão verdes!... Parece uma pequena floresta andando!... Lembra aquella historia, tão ridicula, d'aquelle inglez barbaro e inintelligivel, que chegou até a ser representado (é incrível!) mas que eu reduzi a nadaN'uma das suas chamadas

tragedias; qual era [o nome d'ella? E como se chamava elle? Ah! já me lembro!... Macbeth!... E elle? Shakespeare? é isso! pois entre outras cousas comicas, falla elle d'uma floresta que caminhava do alto do cabeço de um outeiro da Escossia para o acampamento do rei... E pensar que cousas taes se representavam!...

— Achetez! achetez! des arbres, de beaux arbres de Noël!!!

O craneo de Voltaire estremeceu e ia rolar da prateleira, quando um jornalista amparou-o. Pelo respiradouro do subterraneo, por onde Voltaire via aquellas arvores que caminhavam, entrou o grande sem profundo e largo dos sinos da vizinha e antiquissima igreja de Saint-Etienne-du-Mont!

— Vae-se encerrar o craneo de Voltaire!...

— Andemos depressa! disse um membro da Academia Fran-

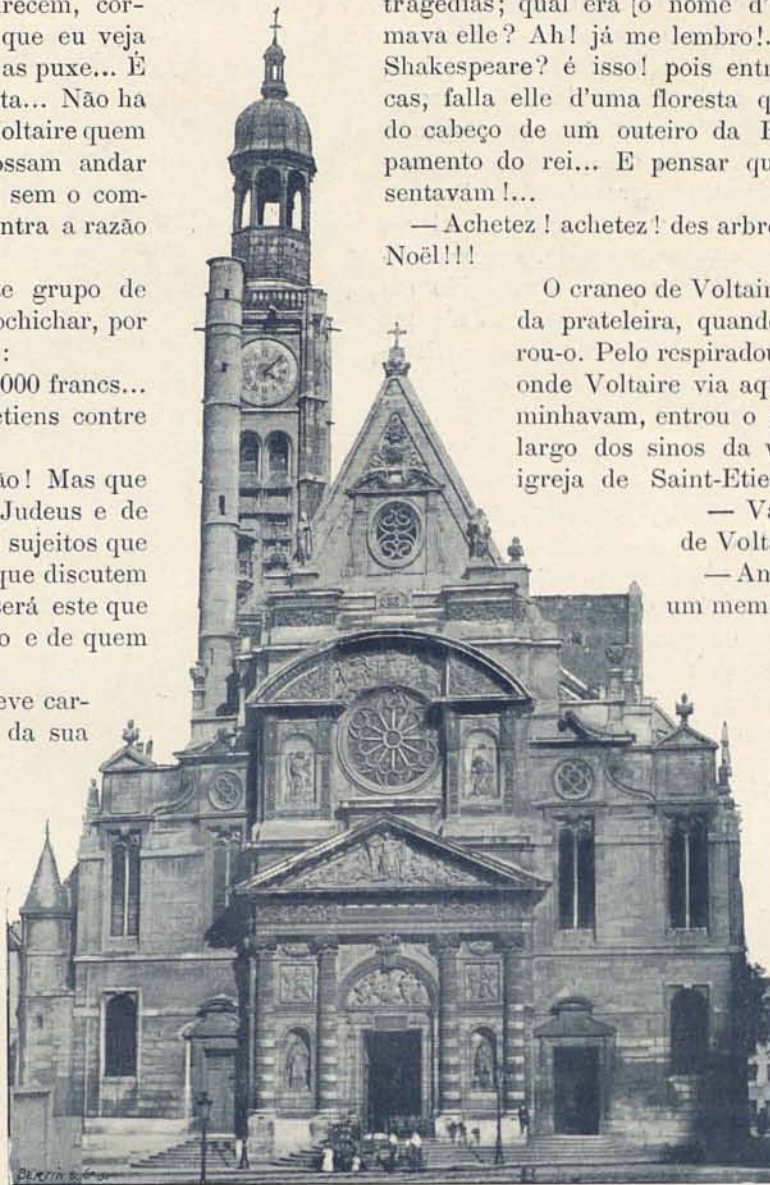
ceza. Não quero chegar tarde á igreja para ouvir a conferencia do Advento, pelo abbé Frémont...

— Igreja!! Advento!! Abbé!!!

O que restava do craneo de Voltaire estalou e os pedaços formaram um punhado d'ossos esfarelados que voltaram para a poeira pardacenta e para o môfo secular do caixão arrombado, que o carpinteiro (ainda o carpinteiro!) repregou a martelladas que resoaram na crypta.

Momentos depois, os exploradores de sepulchros desciam as escadarias do Pantheon e mergulhavam de novo dentro de Pariz, atravez da bruma, ainda clara, da tarde de inverno. Calaram-se os sinos, e, dentro da igreja, o prégador começou a fallar do eterno e proximo renascimento do outro Carpinteiro, d'aquelle proprio, a quem Voltaire tinha matado, para sempre, em meados do seculo XVIII.

EDUARDO PRADO.



Igreja de Saint-Etienne-du-Mont.





Um Brinde

Here's to the day...
BLISS CARMAN.

I

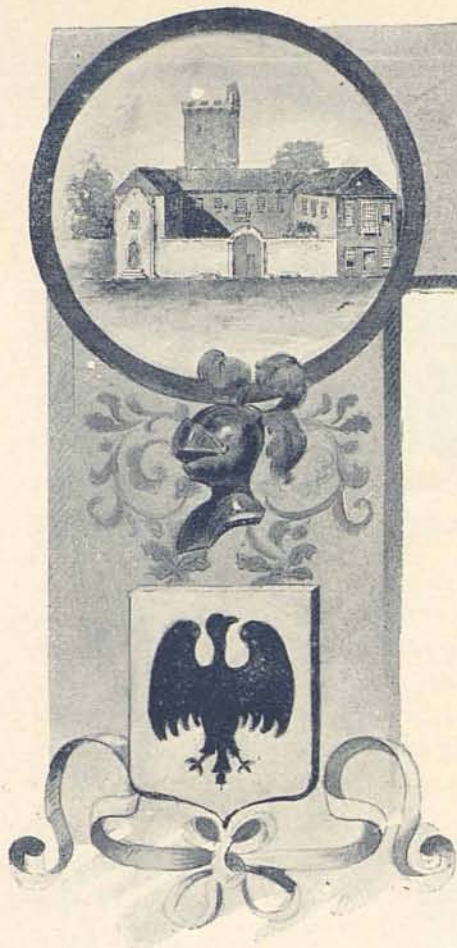
*Eu bebo á manhan de amores,
Manhan em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos,
Pisando na mesma grama.*

Orange, 16 de Julho, 1897.

II

*E bebo á noite de amores,
Á noite em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos
Debaixo da mesma cama.*

FONTOURA XAVIER.



a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 12.

Tão levado ia Gonçalo pela branca estrada, no rolo amargo d'estes pensamentos, que não reparou no portão largo da Torre, nem na portinha verde, á esquina da casa, sobre treé degrãos : e seguia rente do muro da horta, quando Videirinha que esta-

cára, com os dedos mudos nos bordões da viola, o avisou, rindo « d'aquella distracção em que o Sr. Doutor andava sempre, pelos astros! »... Gonçalo virou, tambem risonho, procurando na algibeira, entre o dinheiro solto, a chavinha do trinco :

— Que lindamente você tem tocado, Videirinha! Vim todo o caminho em extasi... Com lua, depois de ceia, não ha companheiro mais poetico... Você é o derradeiro Trovador portuguez!

Para o ajudante da Pharmacia a familiaridade d'aquelle tão grande Fidalgo, que lhe apertava a mão no Largo do Chafariz deante das Auctoridades (e até na botica deante do Pires boticario) constituia uma gloria sempre renovada, sempre deliciosa. E sensibilizado, ferindo as cordas rijamente :

— Então, para acabar, lá vae a grande Trova, Sr. Doutor!

Era a sua famosa cantiga, o *Fado dos Ramires*, rosario de heroicas Quadras que celebravam as Lendas da Casa illustre, e que elle andava desde mezes apurando e completando, sabiamente ajudado na terna tarefa pelo velho Padre Sueiro, capellão e archivista da Torre.

Gonçalo empurrara a portinha verde. No corredor espirrava, já mortíca, uma lamparina. E Videirinha, recuando ao meio da estrada, com um d'indon ardente, fitou a Torre, que, por cima dos telhados do casarão, mergulhava as ameias, o esguio miradoiro, na claridade e no silencio —

e para ella e para a lua atirou o canto glorificador e saudoso :

Quem tem verá sem que estremeça,
Torre de Santa Ireneia,
Assim tão negra e callada,
Por noites de lua cheia...

Ai! Assim tão negra e callada
Torre de Santa Ireneia !

Ainda suspendeu para agradecer ao Fidalgo, que o convidava a subir e enxugar um calice de genebra salvadora... Mas retomou logo o descante, arrebatado como sempre pela belleza saborosa dos seus versos, pela magnificencia das Lendas, emquanto Gonçalo desapparecia, com folgazans desculpas ao Trovador « por cerrar a portinha do Castello... »

Ahi estás, erguida e soberba,
Com uma historia em cada ameia,
Torre mais velha que o reino,
Torre de Santa Ireneia!...

E começara a quadra a Muncio Ramires, *Dente de Lobo*, quando em cima uma sala, aberta á frescura da noite, se allumiou, e o Fidalgo da Torre, com o charuto acceso, se debruçou da varanda para receber a serenada... Mais entusiasmado vibrou então o cantar do Videirinha. Agora era a quadra de Gutierrez Ramires, na Palestina, recusando á porta da sua tenda, sobre o monte das Oliveiras, o Ducado de Galiléa! Depois outra, nova, trabalhada n'essa semana, a do sahimto de Aldonça Ramires, Santa Aldonça, trazida do mosteiro d'Arouca ao solar de Treixedo, sobre o almadraque em que morrera, aos hombros de quatro Reis!...

— Bravo! gritou o Fidalgo alegremente, pendurado da varanda. Essa é famosa, oh Videirinha!... Mas ahi ha Reis de mais!

Enlevado, empinando o braço do violão, o ajudante da Pharmacia lançou outra, já antiga, a d'aquelle terrivel Lopo Ramires que, morto, se erguera da sua campa na Igreja de Craquède, montára um ginete morto, e toda a noite galopara atravez da Hespanha para se bater nas Navas de Tolosa!... Pigarreou — e, mais dolentemente, atacou a do *Descabeçado* :

Lá passa a negra figura...

Mas bruscamente Gonçalo, despegando da varanda, deteve a Chronica immensa que se desenrolava :

— Toca a deitar, oh Videirinha, hein? São quasi tres horas... É um horror! Que linda noite!... Se você vir amanha o Titó e o Gouveia que venham jantar á Torre, na terça-feira... Dou perú. E você tambem, com a viola, e cantiga nova... Mas menos sinistra. *Bona sera, Trocatore!*

E ao atravessar, para o seu quarto, a sala grande, toda revestida d'esses denegridos e tristonhos retratos de Ramires, que elle desde pequeno chamava sempre *as carantonhas dos covós*, ainda pela estrada, ao longe, echoavam, no silencio dos campos cobertos de lua, façanhas rimadas dos seus :

Ai! lá na grande batalha...,
El-Rei Dom Sebastião...
O mais moço dos Ramires
Que era pagem do guião...

Despido, soprada a vella, depois de um rapido signal da cruz, o Fidalgo da Torre adormeceu. Mas então, no quarto que se povoou de Sombras, começou para elle uma noite revôlta e pavorosa. André Cavalleiro e João Gouveia romperam pela parede, cobertos de cótas de malha, montados em horrendas tainhas assadas! E lentamente, piscando o olho máo, arremessavam contra o seu pobre estomago pontoadas de lança, que o faziam gemer, estorcer, sobre o leito de pau preto. Depois era, na Calçadinha de Villa-Clara, o medonho Ramires morto, com a ossada a ranger dentro da armadura, e El-Rei Dom Affonso II, fedendo a alho, que o arrastavam com rugidoras injurias para a batalha das Navas. Elle resistia, fincado nas lages, gritando pela Rosa, por Gracinha, pelo Titó! E El-Rei tão rijo empurrão lhe despedia aos rins, com o guante de ferro, que o arremessava desde a Hospedaria do Gago até ao desfila-deiro da Serra Morena, onde seu primo d'Hespanha, Gomes Ramires, furioso, lhe arrancava os derradeiros cabellos, entre a retumbante galhofa de toda a hoste sarracena e os prantos da tia Louredo trazida, como um andor, aos hombros de quatro Reis!... — Por fim, moido por tantas violencias, tão torpes ultrages, já com sol nas fendas das janellas, o Fidalgo da Torre atirou um repellão final aos lençoes, saltou ao soalho, abriu a vidraça — e respirou deliciosamente o silencio, a verdura, a frescura, o repouso da quinta. Mas sentia uma sêde requeimante que lhe encortiçava os labios : e de repente, lembrando o *fruit salt* e as suas virtudes, correu á sala de jantar em camisa, com o frasco. Ahi, a arquejar, deitou duas fartas colheres do pó n'um copo d'agua da Bica-Velha, que bebeu d'um trago, consoladamente, na fervura picante.

— Ah! que delicia!... Esta hedionda noite! Minha pobre cabeça!...

Voltou derreadamente á cama, e readormeceu logo, sobre um arejado prado verde, respirando perfumes de violetas, n'uma perfeita beatitude de que Bento o arrancou, ao meio dia, inquieto com « aquelle tardar do Sr. Doutor ».

— É que passei uma noite horrenda, Bento! Pesadelos, pavores... Até esqueletos! Foram os malditos ovos com chouriço. E o pepino... Sobre-tudo o pepino! Uma idéa d'aquelle animal do Titó.. Depois, de madrugada, tomei o tal *fruit salt*. E estou optimo, homem!... É uma maravilha! Estou optimissimo! Abre as vidraças... Calor, hein?... Olha! leva uma chavena de chá verde, muito forte, para a livraria. Até me sinto capaz de trabalhar!. Grande beneficio para a humanidade, o tal *fruit salt*. O Papa, que o toma, devia lançar uma Encyclica!

Na livraria, com um roupão de flanela sobre a camisa de dormir, Gonçalo releu, junto da varanda, essa derradeira linha da Novella, tão rabiscada e tão suja, em que « os largos raios da lua se estiravam pela larga sala d'armas »... E de repente, n'uma desannuviada impressão de claridade, entrevio um detalhe muito expressivo, « o luar d'Agosto penetrando, saudoso e dormente, pelas reixas de ferro — e com elle o coaxar triste das rans nas bordas lodosas dos fossos... »

— Bello traço!

E sentia idéas limpidas, termos lustrosos, surgirem como as bolhas d'uma agua represa que rebenta. Então abancou, consultou o volume do *Bardo*: e, com a penna desemperrada, atacou esse trecho do Capitulo I em que o velho Tructesindo Ramires, passeando com seu filho Lourenço na sala d'armas de Santa Ireneia, conversava de aprestos de guerra... Guerra! Porque? Acaso pelos cerros arraianos corriam, ligeiros entre o arvoredado, almogavares mouros? Não! Mas desgraçadamente, « n'aquelle terra já remida e christan, em breve se crusariam, umas contra outras, nobres lanças portuguezas!... »

E aqui, depois d'um folhear esvoaçado nos tomos d'Herculano, esboçou com largueza a Epocha Historica da sua Novella — que abria entre as discórdias lamentaveis de Affonso II e de seus irmãos por causa do testamento d'El-Rei seu pae, Dom Sancho I. Já os Infantes Dom Pedro e Dom Fernando, esbulhados, andavam por França e Leão. Já com elles abandonnara o Reino o forte primo dos Ramires, Gonçalo Mendes de Souza, chefe magnifico da casa dos Souzas. E agora, encerradas nos castellos de Monte-Mór e de Alemquer, as senhoras Infantas, Dona Thereza e Dona Sancha, negavam a El-Rei o Senhorio real sobre as villas, castellos, terras, herdades e mosteiros, que tão copiosamente lhes doára seu pae Dom Sancho...

Ora, antes de morrer na Alcaçova de Coimbra, El-Rei Dom Sancho supplicara a Tructesindo Mendes Ramires, seu collaço e Alferes Mór, por elle armado cavalleiro em Lorvão, que sempre lhe servisse e defendesse a filha amada entre todas, a infanta Dona Sancha, senhora de Aveyras. Assim o jurára o leal Rico-Homem junto do leito onde, nos braços do Bispo de Coimbra e do Prior do Hospital sustentando a candeia, agonisava, vestido de burel como um penitente, o vencedor de Silves... Mas eis que rompe a fêra contenda entre Affonso II, asperamente cioso da sua auctoridade de Rei — e as Infantas orgulhosas, impellidas á resistencia pelos freires do Templo e pelos Prelados a quem Dom Sancho legára tão vastos pedaços do Reino! Esgueira e os arredores d'outros castellos são devastados pela hoste real que recolhia das Navas de Tolosa. Então, Dona Sancha e Dona Thereza, trancadas no castello de Monte-Mór, appellam para El-Rei de Leão, que entra com seu filho Dom Fernando por terras de Portugal a socorrer as « Donas opprimidas ». E n'este lance o tio Duarte interpellava, com soberbo garbo, o Alferes Mór de Sancho I :

Que farás tu, mais velho dos Ramires?
Se ao pendão leonez juntas o teu
Trahes o preito que deves ao rei vivo!
Mas se as infantas deixas indefezas
Trahes a jura que dèstes ao rei morto!...

Esta duvida, porem, não angustiava a alma do leal Rico-Homem... Apenas recebe recado da senhora Dona Sancha pelo irmão do Alcaide d'Aveyras (disfarçado em beguino) — logo ordenna a seu filho Lourenço que, ao primeiro arreból, com quinze lanças, cincoenta homens de pé da sua mercê e quarenta besteiros, corra sobre Montemór! Elle no emtanto daria alarido — e em dous dias entraria a campo com os parentes de solar, um troço mais rijo de cavalleiros acontiadados e de fundibularios, para se juntar a seu primo, o *Sousão*, que descia d'Alva-do Douro...

Logo n'essa manhã o pendão dos Ramires, o açôr negro em campo d'ouro, se plantou deante das rudes barbacans: e ao lado, no chão, amarrado á haste por uma tira de couro, reluzia o forte emblema solarengo, o immenso e fundo caldeirão polido. Por todo o Castello se apressavam os serviçaes, despendurando as cervilheiras, arrastando os pesados saios de grossas mállhas de ferro. Nos pateos, onde os armeiros aguçavam ascumas e estoupavam grevas, o adail, entre os cabos de quadrilhas, arrolava as rações de vianda para sustento da mesnada. E por todas as cercanias de Santa Ireneia, na doçura da tarde, os lentos atambores mouriscos, abafados no arvoredo, tararam! tararam! ou mais vivos nos cabeços, ratatam! ratatam! convocavam a peonagem

e os accostados de soldo, que, ao acercar dos rufos lentos, assomavam, inquietos, á soleira dos casebres, apertando os cinturões pregueados... No emtanto já o irmão do Alcaide disfarçado em beguino, de volta ao castello d'Aveyras com a boa nova, transpunha ligeiramente a levadiça da cárcova — depois d'uma sorte galante que Gonçalo, para alegrar aquellas sombrias vespèras de guerra, tomara do tio Duarte :

À moça, que na fonte enchia a bilha,
O frade rouba um beijo e diz : Amen!

— O correio...

Era o Bento, com os Jornaes e duas cartas. O Fidalgo apenas abriu uma, lacrada com o enorme sinete d'armas do Barrôlo — repellindo a outra em que reconhecera a lettra detestada do seu alfaiate de Lisboa. E immediatamente, com uma palmada na mesa :

— Oh diabo! que dia é hoje? Segunda, hein?

O Bento parara com a mão no fecho da porta.

— É que são no sabbado os annos da mana Graça!... Ora que sécca, Bento... Se me lembro, trazia de Lisboa um presente! De todo, de todo esqueci. Esqueço sempre... Mas espera!

Na véspera o Manoel Duarte, na Assembléa, á mesa de voltarete, annunciára uma fugida a Lisboa, por tres dias, para tratar do emprego do sobrinho nas Obras Publicas... Pois ia a Villa Clara pedir ao Sr. Manoel Duarte que lhe comprasse em Lisboa um bonito leque ou um guardasolinho de séda...

— O Sr. Manoel Duarte tem gosto... Tem muito gosto! Hein, Bento, leque ou guardasolinho?

O Bento sorria, coçando o queixo, considerando que ambos serviam, e ricamente, agora no verão, com aquella calma...

— Bem! leque e guardasolinho! E então o Joaquim que não selle a egoa... Já não vou ao Sanches Lucena. Oh, senhores, quando pagarei eu esta infame visita? Ha tres meses!... Emfim, por dous dias mais nem o velho Lucena esperta, nem a bella Dona Anna envelhece!

E o Fidalgo da Torre, retomando a penna, ajuntou vistosamente á sua linha :

« A moça, furiosa, gritou : *Fu! Fu! villão!* E o beguino, assobiando, aligeirou as sandalias pelo correjo, na sombra das altas faias, em quanto que por todo o fresco valle, até Santa Maria de Craquede, os atambores mouriscos, ratamtam! ratamtam! convocavam á mesnada dos Ramires, na doçura da tarde!... »

CAPITULO II

Na restea faiscante de sol, que escaldava a varanda da livraria, borboletas brancas esvoaçavam,

aos pares, sobre a folhagem densa da madresilva. O canto agudo d'uma rapariga, batendo roupa no lavadouro, cortava solitaria e desgarradamente o silencio da quinta adormecida na ociosidade d'Agosto. Depois de repicar a sineta no corredor duas vezes, Bento empurrara a porta, avisando o Sr. Doutor « que o almocinho, assim á espera, certamente se estragava. » E, de sobre a sua tira d'almaço, Gonçalo rosnava vagamente « já vou » — sem despegar a penna, que corria como quilha leve em agua serena, na pressa amorosa de terminar, antes do almoço, o seu Capitulo I. Ah! que canceira lhe custara, durante esses tres dias, esse copioso capitulo, tão difficil, com o immenso

soou; e, sem que o villico tomasse permissão do Senhor, o alçapão da levadiça rangeu na corrente de ferro e bateu cavamente no apoios de pedra. Quem assim chegava em dura pressa era Mendo Paes, mordomo da curia de Affonso II, casado com a filha mais velha de Tructesindo, D. Theresa — aquella que, pelo seu ondeante e alvo pescoço, pelo seu pisar mais leve que um voo, os Ramires chamavam a *Garça Real*. E agora o Senhor de Santa Ireneia e seu genro, « alentado cavalleiro de barba curta e ruiva », passeavam n'essa vasta sala, allumiada por tochas que largos anneis de ferro seguravam, chumbados aos muros de granito tosco.



Castello de Santa Ireneia a erguer; e todo um trecho esfumado da Historia de Portugal a condensar em contornos robustos; e a mesnada dos Ramires a reunir e a apetrechar, sem que faltasse uma corda nas béstas ou uma ração nos alforjes! Mas, felizmente, já na vespera movera para fóra do Castello o troço de Lourenço Ramires em soccorro de Monte-mór, exclamando mesmo — « uff! este Lourencinho já lá vae! » — apenas a derradeira mula de carga, com uma caixa de virotões e garrunchas, transpoz as barreiras, trotando, sob o latego e os arres! do cavallariço.

Mas, n'essa noite e final do Capitulo, já a almenara se accendera na Torre, e Tructesindo Ramires descera á sala baixa para ceiar, quando fóra, deante da cárcova, com tres toques fortes, annunciando filho-d'algo, uma bozina apressada

Ao meio pousava a massiça mesa de carvalho, rodeada de escanhos até ao topo, onde se erguia, deante d'um aspero mantel de linho coberto de pratos de estanho, de picheis polidos, de malgas de barro, a cadeira senhorial com o Açor grossamente lavrado nas altas espaldas, e d'ellas suspensa, pelo cinturão tauxeado de prata, a espada de Tructesindo. Por traz era a chaminé apagada, atulhada de ramos de pinheiro, com o rebordo da prateleira ornado de conchas, entre bocaes de sanguesugas, sob dois molhos crusados de palmas trazidas da Palestina; a um lado da lareira, sobre a sua alcandora, dormitava um falcão; do outro, n'uma camada de juncos, dois alões enormes dormiam tambem, com o focinho nas patas, as orelhas rojando. Toros de castanheiro sustentavam, a um canto, um pipo de vinho.

E, entre as duas fundas frestas engradadas de ferro, um monge, com a face sumida no capuz, sentado á borda de uma negra arca, lia, á claridade do candil que por cima fumegava, um pergaminho desenrolado... Assim Gonçalo guarnecera a anti-quíssima sala com alfaias tiradas do Tio Duarte, de Walter Scott, de narrativas medievas do *Panorama*. Mas que esforço! E mesmo depois de collocar, sobre os joelhos do monge, um folio gothico das fôrmas de Lapidarius, desmanchára toda essa linha tão trabalhada, ao recordar, com um murro na mesa, que ainda a Imprensa se não inventara em tempos de seu avô Tructesindo e que ao monge lettrado apenas competia « um pergaminho de amarellada escripta. »

E caminhando sobre as lages sonoras, desde a lareira até ao arco da porta cerrado por uma cortina de couro, Tructesindo, com a branca barba espalhada sobre os braços cruzados, escutava Mendo Paes que, na confiança de parente e amigo, jornadaára sem homens da sua mercê, trazendo apenas por cima do brial de lan cinzenta uma espada curta e um punhal sarraceno. Açodado e coberto de pó correra assim Mendo Paes desde Coimbra, para supplicar ao sogro, em nome do Rei e dos preitos jurados, que se não bandeasse com os de Leão e as senhoras Infantas. E já desenrolára ante o velho silencioso todos os fundamentos invocados contra ellas pelos doutos Notarios da curia — as resoluções do Concilio de Toledo; a bulla do Apostolo de Roma, Alexandre; o velho fóro visigodo... De resto, que injuria viva fóra feita ás senhoras Infantas por seu real irmão para que assim chamassem hostes Leonezas a terras de Portugal? Nenhuma! Nem a regedoria nem a renda dos castellos e villas da doação de D. Sancho lhes negava o senhor D. Affonso. O rei de Portugal só queria, e justamente, que nenhum palmo mal medido de chão portuguez, baldio ou murado, jazesse fóra de seu Senhorio real. Escasso e avido El-Rei D. Affonso?... Mas não mandára elle entregar á senhora D. Sancha oito mil morabitanos d'ouro? E a gratidão da irman fóra o Leonez passando a raia e logo cahidos os castellos formosos d'Ulgoso, de Contrasta, d'Urros e de Lanhosello! O mais velho da casa dos Souzas, Gonçalo Mendes, não se encontrara ao lado dos cavalleiros da Cruz na jornada das Navas: mas lá andava, em recado das Infantas, como moiro, talando a terra portugueza desde Aguiar até Miranda! E já pelos cerros d'Alem-Douro apparecera o pendão renegado das treze arruellas — e por traz, farejando, a alcateia dos Castros! Uma tórva ameaça opprimia o Reino... Grande pena, quando ainda Moabitas e Agarenos corriam á redea solta pelos campos do Sul!... E o honrado Senhor de Santa Ireneia, que tão rijamente ajudara a fazer o Reino, não o deveria decerto des-

fazer arrancando d'elle os pedaços melhores para monges e para donas rebeldes! — Assim, com arremessados passos, exclamava Mendo Paes — tão acalorado do esforço e da emoção que duas vezes encheu de vinho uma conca de páu e, d'um trago, a despejou. Depois, limpando a bocca á mão escura :

— Ide por certo a Monte-mór, senhor Tructesindo Ramires! Mas em recado de paz e boa avença, persuadir a vossa senhora D. Sancha e ás Infantas a que voltem honradamente a quem hoje contam por seu pae e seu Rei!

O enorme senhor de Santa Ireneia parara, pou-sando no genro os olhos duros, sob a ruga das hirsutas e brancas sobranceiras mais espessas que sarças :

— Irei a Monte-mór, Mendo Paes, mas levar o meu sangue e o dos meus para que justiça logre quem justiça tem.

Então Mendo Paes, coçando a barba ruiva, murmurava surdamente :

— Maior dó, maior dó! Será bom sangue de Ricos-homens vertido por más desfórras... Senhor Tructesindo Ramires, sabeí que para alem de Valle d'Aguiar, em Canta-Pedra, vos espéra desde alva Lopo de Baião, o Bastardo, para vos tolher a passagem com cem lanças!

Tructesindo ergueu a vasta face — com um riso tão claro e rijo que os alões rosnaram torvamente, e, acordando, o falcão esticou a aza lenta :

— Boa nova e de boa esperança!... E, dizei, senhor Mordomo-mór da Curia, tão de feição e certa assim m'a trazeis para me intimidar?

— Para vos intimidar?... Nem o Senhor Archanjo S. Miguel vos intimidaria descendo do céu com toda a sua hoste e a sua espada de lume!... De sobra o sei, senhor Tructesindo Ramires. Mas casei na vossa casa... E já que n'esta lide não sereis por mim bem ajudado, quero, ao menos, que sejaes bem avisado...

O velho Tructesindo bateu fortemente as palmas para chamar os sergentes :

— Bem, bem, a cear, pois! Á ceia, Frei Munio!... E vós, Mendo Paes, deixai receios...

— Se deixo! Não vos póde vir damno que me anceie de cem lanças, de duzentas, que vos surjam a caminho...

E enquanto o monge enrolava o seu pergaminho e se acercava da mesa, Mendo Paes ajuntou com tristeza, desapertando lentamente, para se sentar, no escanho, o cinturão da espada :

— Só um cuidado me pesa... E é que, n'esta jornada, senhor meu sogro, ides ficar de mal com o Reino e com o Rei...

— Filho e amigo! De mal ficarei com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e commigo!

Este grito de fidelidade, assim tão nobre, não ressoava no *Bardo*. E quando o achou, com inesp-

rada inspiração, o Fidalgo da Torre, sacudindo a penna, esfregando as mãos, exclamou enlevado:

— Caramba! Aqui ha talento!

Rematou logo o capitulo I. Estava esfalfado, assim á banca do trabalho desde as nove horas, a reviver intensamente, e em jejum, as emoções heroicas dos seus fortes avós! Numerou as tiras; fechou na gaveta á chave o volume do *Bardo*. Depois á janella, com o collete desabotoado, descansando suavemente, no fino aroma das madresilvas, murmurava ainda o brado genial: — ... « de mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e commigo!... » E sentia n'elle realmente toda a alma de um Ramires, como elles eram no seculo XII, de sublime lealdade, mais presos á sua palavra que um santo ao seu voto, e alegremente desbaratando, para a manter, bens, contentamento e vida!

O Bento, que espalhara outro repique desesperado, escancarou a porta da livraria:

— É o Pereira... Está lá embaixo no pateo o Pereira que quer fallar ao sr. Doutor.

Gonçalo Mendes franzió a testa, impaciente, assim puxado d'aquellas alturas onde respirava os altos espiritos da sua raça:

— Que massada!... O Pereira... Que Pereira?

— O Pereira; o Manoel Pereira, da Riosa; o Pereira Brasileiro.

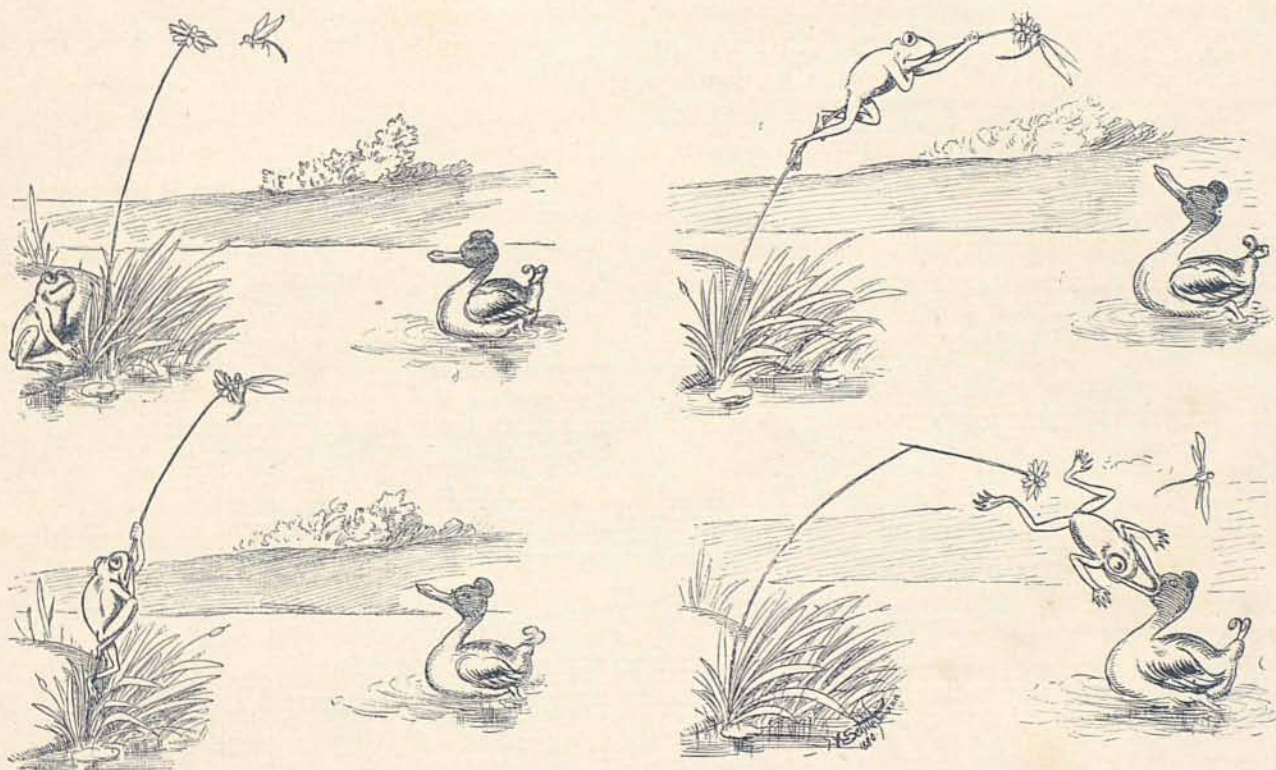
Era um lavrador, com casal na Riosa, chamado *Brazileiro* por ter herdado vinte contos de um tio, regatão no Pará. Comprara então terras, trazia arrendada a *Cortiga*, propriedade dos condes de Monte-Agra, envergava aos domingos uma enorme sobrecasaca de panno fino, e dispunha de sessenta votos na Freguezia.

— Ah! Dize ao Pereira que suba, que conversamos emquanto almoço... Põe outro talher. E uma caneca de vinho verde, bem fresca... Talvez o Pereira prefira vinho verde.

(Continua).

EÇA DE QUEIROZ.

HISTORIA COMICA



O FIM TRAGICO DE UM SAPO CAÇADOR

(Do *Fliegende Blätter*.)

LEÇONS DE CHANT

NOTRE PLAN

Quelques mots d'explication sont urgents pour indiquer aux lecteurs de la *Revista Moderna* l'utilité des leçons de chant sur les morceaux qui paraîtront dans ce journal, et dont la musique sera choisie parmi les meilleures œuvres de nos maîtres contemporains.

Les compositeurs modernes, pour la plupart, indiquent par des annotations ou des signes, les mouvements, les rythmes et les nuances de leurs compositions; mais ils sont obligés de le faire d'une façon tellement brève, que les personnes qui n'ont pas quelques connaissances de l'art du chant et qui sont privées des conseils d'un professeur, se trouvent fort embarrassées de mettre au point une mélodie, une romance, etc., selon la conception et le sentiment du compositeur. Aussi, avons-nous pensé être agréable à nos lecteurs, en commentant dans une courte leçon les morceaux de chant qui paraîtront dans la *Revista Moderna*.

La direction du journal m'a fait l'honneur de me charger de ce travail. J'y apporterai toute mon expérience et tous mes soins. Je serai bref, afin d'être clair; j'éviterai les expressions techniques autant que faire se pourra, mon but principal étant de me faire nettement comprendre.

La leçon de chant sera toujours suivie de quelques conseils sur la pose de la voix, son émission, sur le style, etc.

L'AME DES FLEURS

MÉLODIE

Poésie de PAUL DELAIR, Musique de J. MASSENET, publiée avec l'autorisation de MM. QUINZARD et C^o, éditeurs de musique, 24, rue des Capucines, Paris.

Je suis autorisé par l'aimable éditeur, M. Quinzard, à faire paraître l'*Ame des fleurs* de M. J. Massenet; je ne saurais trop l'en remercier. Tout d'abord, parce que la musique de l'illustre musicien est toujours une bonne fortune pour les *dilettanti*, ensuite, parce que le nom du chef de l'école française est plus que jamais dans toutes les bouches.

Le colossal succès que le maître vient de remporter à l'Opéra-Comique de Paris avec *Sapho*, pièce lyrique en cinq actes, l'amitié dont il veut bien m'honorer et dont je suis fier, m'ont suggéré l'idée de placer ma première leçon de chant à la *Revista Moderna*, sous les auspices de l'éminent compositeur et de lui demander pour mes lec-

teurs un autographe qu'il a bien voulu me donner avec sa bonne grâce habituelle.

MANIÈRE D'INTERPRÉTER « L'AME DES FLEURS »

Commencez *piano*, dans un mouvement lent, mais sans cependant traîner :

« Gardez les fleurs que je vous ai données. » — Donnez un peu plus de voix. — « Elles embaumeront » — Diminuez un peu et ralentissez la fin de la phrase : — « votre chaste séjour. » — continuez *piano*. — « a comme avec l'âme des fleurs fanées » — Augmentez la voix sans pour cela aller jusqu'à la force : — « Dieu fait des astres pour l'amour, elles m'éclaireront » — Plus *piano* et ralentissez un peu : — « jusques à mon retour!... » — continuez sur la plénitude de la voix : — « Oh! respectons la relique des roses! Rien de ce qui fut beau ne s'en va sans retour... » — Plus *piano* et en liant les sons : — « Et dans les bois du paradis écloses » — Donnez davantage de voix et allez en élargissant jusqu'à la fin de la phrase : — « Nous cueillerons encore un jour les fleurs dont ici-bas » — Commencez sur l'intensité de la voix et allez en augmentant jusqu'au *mi aigu* que vous tiendrez en *point d'orgue*, sans laisser tomber le son, et aussi en ralentissant sur chaque note : — « S'embauma notre amour! » — Mes lecteurs remarqueront les petits traits que le compositeur a placés au-dessus des notes; cela signifie qu'il faut accentuer les syllabes correspondant à ces notes. Les virgules placées au-dessus des lignes indiquent les respirations.

La *tessitura* de ce morceau est écrite de façon à pouvoir être chantée par toutes les voix. En effet, la note la plus grave est le *mi* et la note la plus aiguë, le *sol*. Il n'y a pas besoin pour chanter l'*Ame des fleurs* d'avoir une grande voix; ce qu'il faut avant tout, c'est d'observer les nuances, de bien prononcer, de lier les sons et d'accentuer les passages indiqués par le compositeur.

Vous, chères lectrices, ne chantez pas la bouche en cœur: minauder n'est pas chanter. Ouvrez naturellement la bouche, laissez sortir votre voix sans efforts; prononcez et articulez nettement, vous ne rendrez votre chant intéressant qu'à la seule condition de bien faire comprendre les paroles; ne chantez ni de la gorge ni du nez; placez le son en avant, envoyez-le dans la voûte palatine (voûte du palais) qui lui servira de table d'harmonie et le répercutera au dehors.

P. MARCEL

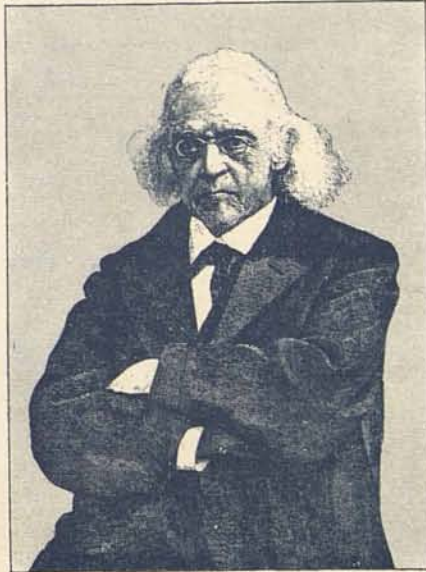
Professeur de Chant.

Paris, Décembre.

The image shows a handwritten musical score for the song "L'AME DES FLEURS" by J. Massenet. The score is written on three staves. The top staff is for the voice, labeled "Chant" and "Jean". The middle staff is for the piano, labeled "Piano". The bottom staff is for the piano, labeled "Piano". The lyrics are written below the vocal staff. The score includes dynamic markings such as "piano", "pp", and "f". There are also performance instructions like "lent" and "ah!". The score is signed "Sapho acte I." and "Massenet" at the bottom right.

Mommsen.

Nascido a 30 de Novembro de 1817 em Garding, no Scheswig, completou o celebre historiador Theodoro Mommsen a idade de 80 annos no ultimo



Mommsen.

dia do mez passado. Filho de um pastor evangelico, cursou de 1838 a 1843 a universidade de Kiel, onde, após estudos brillhantes, obteve o titulo de *Doctor juris utriusque*. O primeiro trabalho do Dr. Mommsen foi um livro que, em 1844, publicou sobre as « Tribus romanas », no qual revelou ao mundo culto uma verdadeira intuição de historiador; de 1844 a 1847 percorreu a Italia, e esses tres annos de profundos estudos foram decisivos para o seu futuro. Roma, onde mais demoradamente permaneceu, mereceu-lhe especial attenção. À topographia da cidade, tão bem quanto à historia romana e à lingua latina, dedicou a sua actividade e a sua intelligencia esclarecida. D'esses estudos nasceu o seu livro — *Dialectos italianos* — publicado, mais tarde, em 1850, e no qual elle se mostrou, segundo a expressão de um de seus biographos, tão atilado critico quanto erudito grammatico. Regressando ao seu paiz, tomou a direcção de um jornal, manifestando-se, n'esta nova phase de sua vida, polemista temido e respeitado. Pouco depois foi escolhido professor de Jurisprudencia em Leipzig, deixando esse cargo para ir occupar em Zurich a cadeira de Direito romano. Em 1854 a cidade de Breslau offereceu-lhe analoga collocação, accetando, finalmente, o Dr.

Mommsen o logar de professor de Historia em Berlim, em 1858.

A sua importantissima obra a *Historia Romana*, infallivel fonte de consulta para todos os que se consagram a esses estudos, comprehendia, em 3 volumes, a historia de Roma desde a sua fundação até a morte de Cesar. O quarto tomo, que só annos mais tarde veio á publicidade, e o quinto, que logo após appareceu, completam esse vasto e curioso ramo da Historia. Conta a notavel producção a que nos referimos, 8 edições, e tem sido trasladada para o francez, inglez, italiano, russo, polaco e hespanhol. A simples nomenclatura d'estes idiomas constitue o maior elogio que ao monumental trabalho do Dr. Mommsen se póde fazer. Além da *Historia Romana*, que pertence á litteratura allemã como a ella pertencem as obras de Lessing, Goethe ou Schiller, escreveu o celebre historiador « O Direito publico romano », em que ao seu talento critico de philologo se allia um espirito agudo e scintillante de jurista. Innumeros são os seus pequenos escriptos relativos á historia romana, ao direito publico, á chronologia e á topographia de Roma, assim como á numismatica e ás origens da « cidade eterna ». As mais conhecidas d'estas producções menos importantes são : « Chronologia romana até Cesar », a « Historia da numismatica romana », « Pesquisas romanas. » Juntamente com os estudos historicos, elucidou o Dr. Mommsen, com proficiencia nunca excedida, inscrições latinas antigas. Como philologo é dotado de senso critico e de um methodo regular e seguro. Foi secretario da Academia das Sciencias de Berlim, de 1871 a 95. Poeta, tem vertido para o allemão algumas poesias italianas. Em 1880 publicou sobre a questão israelita, então muito discutida na Allemanha, uma brochura, em que o assumpto é tratado com a costumada clareza do escriptor, cuja opinião n'esse particular tem sido muitas vezes invocada. Orgulho de sua nação, Theodoro Mommsen é hoje um dos mais respeitados sabios do mundo.

M^{lle} Chauvin.

LICENCIADA, ha tres annos, em Direito, M^{lle} Chauvin solicitou o consentimento para prestar juramento, como advogado, perante o Tribu-

nal de Appellação, de Pariz. Sendo-lhe terminantemente negada essa licença, considerando o Tribunal que a mulher não dispõe dos mesmos direitos civis que o homem, quiz M^{lle} Chauvin pleitear a propria causa. Em brillante discurso, fundamentou os seus argumentos, citando textos, invocando auctores, em linguagem pura e juridica. Não lhe valeram os applausos, como inutil lhe foi a defeza de alguns jornaes : a 30 de Novembro, o Tribunal da Appellação rejeitou o seu pedido, perdendo a advogada a causa que tão ardentamente defendêra. Mas essa causa, a despeito da sentença final, é julgada virtualmente ganha, porquanto, se foi permittido a M^{lle} Chauvin consagrar seu tempo e despender o seu dinheiro na conquista do titulo, é iniquio recusar-lhe hoje o beneficio que d'isso lhe possa provir. O Tribunal, que em tão longos-considerandos — lhe negou o direito de seguir a profissão de advogado, não fez mais do que adiar o julgamento : não ha, decididamente, subtilezas juridicas que resistam á equidade e á indefectivel evolução social. M^{lle} Chauvin vae submitter-se ao parlamento, observando n'isso o conselho que indirectamente lhe dá o Tribunal, o qual declara em seus *considerandos* que só ao legislador cabe o direito de modificar ou promulgar leis.

Emquanto o feminismo soffria esse revez em França, triumphava plenamente-ainda uma vez — nos Estados-Unidos. Embora a titulo provisorio, miss Emma Hart foi, ha dias,



M^{lle} Chauvin.

nomeada para as funções de agente consular da grande republica americana, em Edmunston, durante uma licença do respectivo agente.



MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistendo ao calor á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

LIVROS RELIGIOSOS

Presentes para 1ª Com.^{nhão} e Casamentos

ROSARIOS, MEDALHAS
ESTAMPAS

DEVARENNE

M^{lle} BLANCHE BESSERVE, SUCC^a
PARIZ — 26, Faubourg-Saint-Honoré, 26 — PARIZ

OBJECTOS EM MARROQUIM

BRONZES

OBJECTOS RELIGIOSOS

Artigos e encadernações de Vienna

Medalha de Ouro na ultima Exposição de Francfort

LUDWIG LEONHARDI

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes — São-Bernardos — Dogues de Ulm — Carlindogues — Dachshund ou Basset
Dinamarquezes Escuros e Dinamarquezes pintados (1º premio) — Caes pastores — Wolf-Spitz
e Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & Cº

Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & Cº

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

CARABINAS — REVOLVERES — ESPINGARDAS

ARMAS DE GUERRA

ARMAS D'EXPORTAÇÃO

Canhões — Polvora — Cartuchos

GUINARD

ARMEIRO

S. Avenue de l'Opéra, 8 PARIS



**MARCA DA FABRICA
DA CASA GUINARD**



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Nenhum dos medicamentos experimentados contra a enxaqueca até estes ultimos tempos, — e sabe Deus quantos elles são, — deu resultado algum verdadeiramente satisfactorio. Alguns, dos que obtiveram grande yoga mais recentemente, proporcionam muitas vezes um alivio mais ou menos completo, mas só sendo administrados em doses colossaes e repetidas; d'onde se segue que, beneficos, em alguns casos, nocivos n'outros, deixam ás vezes no organismo vestigios mais ou menos desagradaveis e até mesmo graves.

Não succede a mesma cousa com a Cerebrine que preenche todas as condições desejaveis, sem occasionar nunca inconveniente algum; podendo-se até continuar a usar d'ella indefinidamente, com esta circumstancia que tanto o medico como o doente podem certificar-se immediatamente da sua efficacia, por isso que uma unica dose tomada em qualquer momento, durante o accesso, faz desaparecer em menos de dez a quinze minutos as mais violentas enxaquecas e neuralgias.

A experiencia tem mostrado aliás que sob a sua influencia os accessos vão se espaçando cada vez mais até desaparecerem completamente, sem que d'ahi resulte nunca o menor inconveniente para a saúde.

A Cerebrine não é um remedio secreto; a sua composição é perfeitamente definida. Apresenta-se sob o aspecto de um elixir limpido, agradável á vista e ao gosto que se toma na dose de meia colher a uma colher das de sopa.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes*, *intercostaes*, *reumaticas*, *sciaticas* e *vesicaes*, contra o *zono (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a *extenuação resultante da fadiga*, do *trabalho sobreposses* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

Consegue-se com ella os melhores resultados no tratamento da *neurasthenia*, *hysteria*, *epilepsia* e *ataxia*.

A Cerebrine deve ser considerada como o mais *activo*, *agradavel*, *seguro* e *barato antineuralgico* conhecido.

A Cerebrine pôde ser empregada em todas as *idades*, para todos os *temperamentos* e em todos os *casos* ainda os mais *complexos*.

(Veja-se a Noticia que é enviada gratuitamente.)

Pode-se obter a Cerebrine em todos os paizes por intermedio dos pharmaceuticos e em casa de Eug. FOURNIER (Pausodun) et C^{ie}. Pharmacie du Printemps, 414, rue de Provence, Paris.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco, Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO

A MAIS ALTA RECOMPENSA
DADA AOS ADUBOS

1889. FORA DE CONCURSO

MEMBRO DO JURY
DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sede social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafezeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.

— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE QUIMICA AGRONOMICA
EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade :

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).

15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

MODELOS DA CASA

AINE-MONTAILLÉ

Vestidos, Mantos, Modas e Enxovaes

1, place Vendôme. 1

EM FRENTE À RUA CASTIGLIONE

PARIS



MESMA CASA

Especialidade de Luto

GRANDE CASA

27 et 29, Faubourg Saint-Honoré, 27 et 29

PARIS



MAPLE & C^{IA}

O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens
recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAFTESEURY rica e confortavel em marroquim, para bibliothecas, Clubs, e salas de jantar.

MAPLE & C^{IA}

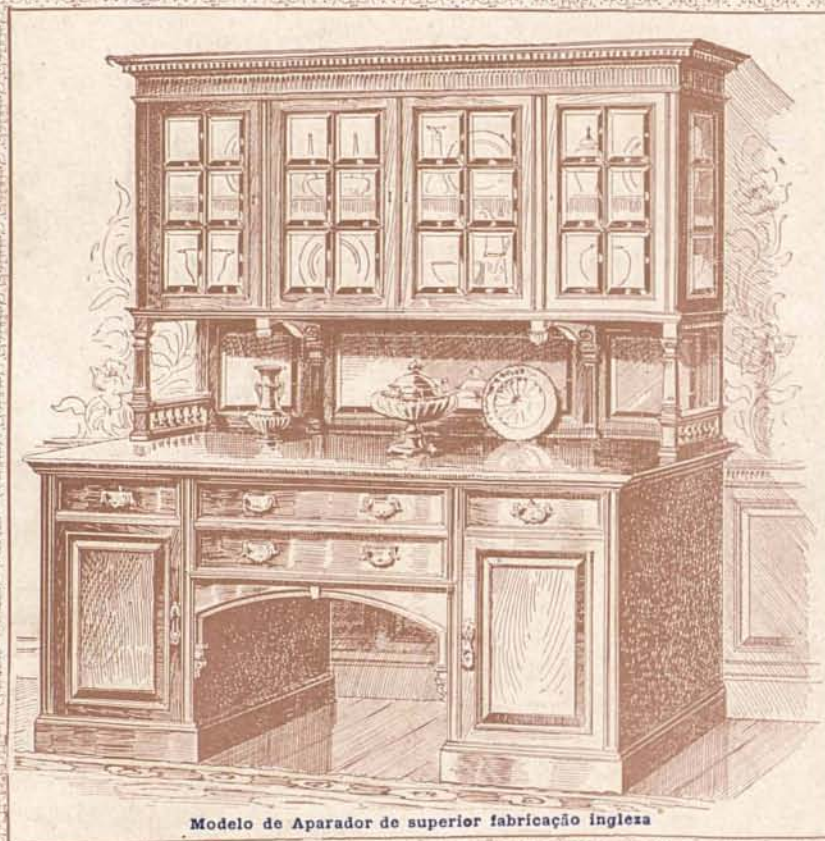
A CASA FILIAL DE PARIS

Acha-se situada na rua Boudreau
Prto da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de
grande quantidade de moveis
inglezes, todos de primeira
ordem e fabricados por

MAPLE & C^{IA}

O gerente e pessoal da casa
de Paris, terão o maior prazer
em fazer visitar esta expo-
sição, dando aos interessados
todas as informações neces-
sarias quanto á compra e
expedição dos moveis que
se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

MAPLE & C^{IA}

Rua Boudreau

PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Mobilias inglezas
Aparadores
Estantes
Quartos de dormir
Gabinetes de Trabalho
Mesas diversas
Poltronas
Sophás
Camas — Cortinas
Tapetes

PRIMEIRA QUALIDADE
Preços reduzidos

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquim, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

MAPLE & C^{IA}

Paris

Poltronas

Cadeiras

de

Escriptorio

Conversadeiras

Chaises-longues

celebres

em

todo o Mundo

MAPLE & C^{IA}

POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, propria para salas de jantar, bibliothecas e clubs.